

A AÇÃO PASTORAL PELAS VOCAÇÕES NAS SOLICITUDES DO SANTO PADRE

I

Discurso de S.S. João XXIII aos participantes do I Congresso Nacional Italiano para as Vocações Eclesiásticas — 21.4.61 (1)

É grande a alegria que experimentamos em vos receber ao terminar os trabalhos do primeiro Congresso Nacional Italiano para as vocações eclesásticas.

Quando o projeto deste encontro ia ser concluído, dele Nos falou, com entusiasmo juvenil e fervor sacerdotal, o venerável e caríssimo Cardeal Giuseppe Pizzardo, que, com seus preciosos colaboradores da Congregação dos Seminários e Universidades de Estudos, se consagrou totalmente à causa santa das vocações, da sólida formação dos futuros sacerdotes, como também da presença da Igreja em todos os setores das ciências, sagradas e profanas, e das letras.

O oportuno empreendimento viu reunido pela primeira vez em Roma, na *Domus Mariae* — título e auspício de gáudio e de graças celestiais — um grupo escolhido de veneráveis bispos e de distintos eclesiásticos de todas as regiões, para o estudo dos programas que se referem “à escolha e ao cuidado com as vocações eclesásticas na atividade pastoral atual”. O encontro foi realmente um novo testemunho da solicitude com que a Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades de Estudos considera e enfrenta um problema de importância essencial para o futuro religioso das dioceses italianas. Regozijamo-Nos vivamente convosco, Senhor Cardeal, como também Nos alegamos com os Bispos relatores, que trouxeram uma preciosa contribuição de doutrina e de experiência, e com quantos acorreram a um encontro de sentido e valor tão altos.

O argumento escolhido salienta a obra insubstituível do Clero para a preparação e o cuidado das vocações, a fim de estimular sempre mais os sacerdotes a darem a esse problema um lugar proeminente no exercício do ministério pastoral.

O ponto principal do problema está propriamente aqui: a vida dos sacerdotes santos o proclama em toda a sua eficácia, e a experiência de cada um de vós pode dar disso claro testemunho. Também o Papa, que vos fala,

1) Oss. Rom., supl. dom., 24.4.61

guarda sobre esse ponto uma de suas lembranças mais caras e tocantes.

A lembrança do dia de Sua primeira Comunhão: quando, acabada a cerimônia, Seu venerando Pároco, tido por todos os meninos num conceito como que de santo, escolheu-o para a honra de fazer, na presença de cada um, a própria inscrição no Apostolado da Oração, primeiro compromisso de honra para o encaminhamento de uma inocência bendita e feliz.

Assim também depois a familiaridade respeitosa e piedosa do menino, sob a atração amável da pessoa e dos exemplos, desabrochava numa vocação sacerdotal tão espontânea e tranqüila que nunca o fez duvidar de ter sido chamado à vida para outra finalidade. Oh! a grande eficácia dos exemplos admirados na infância como instrumentos da Providência para descobrir aos olhos do menino o grande ideal do sacerdócio. Maneira de rezar: maneira de ensinar, maneira de falar, maneira de viver. Sempre amabilidade e sabedoria, digna e serena. Assim e sempre o exemplo de um sacerdote realmente todo de Deus e das almas!

A experiência de toda a vocação confirma a importância do ministério pastoral para a formação dos jovens chamados ao sacerdócio, e relembra a todo o sacerdote com cura de almas a responsabilidade própria e suas tarefas num campo tão delicado e promissor. Por esse motivo pretendemos confiar-vos algumas considerações que sejam como que sêlo para as conclusões e os propósitos dêste Congresso.

I — RESPEITO PARA COM A DIGNIDADE SACERDOTAL

Antes de tudo: o respeito e a estima para com a grande dignidade sacerdotal.

O sacerdote com cura de almas deve propor-se a si mesmo infundir no espírito dos fiéis, particularmente dos mais sensíveis e generosos, uma idéia altíssima da dignidade e da missão sacerdotal.

A proeminência dos fatores técnicos e científicos na orientação da civilização moderna, e as variações excêntricas de certo espírito mundano, alimentado por uma imprensa e por espetáculos muitas vezes vácuos e superficiais, senão deletérios e corruptos, ofuscam talvez em muitas almas a beleza sugestionadora de um ideal superior ao qual se entreguem nos anos mais promissores para uma vida de apostolado e de generosidade.

Pertence principalmente ao sacerdote, que está em contato com a parte mais sadia e sincera da grei cristã, fazer brilhar aos olhos de seus fiéis, especialmente dos adolescentes e dos jovens, a beleza sublime do estado sacerdotal, superior a todas as outras incumbências, ainda que nobres e árduas. Como de fato salienta Nosso predecessor Pio XII de f. m. na Encíclica *Mediator Dei*, "o Sacramento da Ordem distingue os sacerdotes de todos os outros cristãos não consagrados, porque eles somente, por vocação sobrenatural, foram iniciados no ministério augusto que os destina aos altares sagrados, e os constitui instrumentos divinos, por meio dos quais se comunica a vida celeste e sobrenatural ao Corpo místico de Jesus Cristo... Sômente eles foram marcados com

o caráter indelével que os configura com Cristo Sacerdote" (A.A.S., 39 (1947), p. 539). Quão grande esplendor se irradia da figura do sacerdote humilde, ministro de salvação e de graça, distribuidor do perdão celeste, divinamente absorvido na mesma missão de Jesus até emprestar-Lhe sua voz, suas mãos, seus gestos!

Antes de lamentarmos a escassez e insuficiência das vocações em muitas partes do mundo, convém dar a conhecer aos jovens a amplitude do campo que espera os operários da messe, a beleza do ideal sacerdotal, para que desabrochem entre as famílias cristãs as vocações ao sacerdócio.

II — O LUGAR DOS SEMINÁRIOS NO CUIDADO DAS Vocações ECLESIÁSTICAS

Este pensamento nos reporta ao estudos prediletos de Nossa juventude sacerdotal que, mesmo entre as graves ocupações daqueles anos fecundos, Nos levaram a aprofundar um pouco o conhecimento da preocupação proeminente do Concílio de Trento com referência à cura de almas: isto é, aquêles seminários diocesanos que constituíram a realização feliz do projeto de reflorescimento de vida católica. Fizemos um estudo sobre o argumento: "Gli inizi del Seminario di Bergamo e S. Carlo Borromeo", que, como é natural, se refere à aplicação dos decretos conciliares no âmbito de Nossa diocese de origem.

Nesse trabalho transfundimos todo o Nosso amor por êste, que realmente poder ser definido, jardim da diocese: o seminário, no qual se desenvolvem e amadurecem as jovens energias do amanhã, os recursos do bom trabalho pastoral, as promessas de uma perpétua juventude de vida sacramental e espiritual na Santa Igreja.

É motivo de conforto para Nós saber que êste Congresso foi preparado com um ano de trabalho nas 19 Regiões Conciliares Italianas, por meio de oportunos encontros de Reitores de Seminários e Diretores Diocesanos das Obras das Vocações Eclesiásticas. As conclusões dêsses encontros estão aí para demonstrar com que grande empenho os seminários da Itália procuram tornar-se mais aptos para a execução de sua delicada e única missão.

Coragem, diletos filhos, continuai sem cessar na obra santa que vos foi confiada. O jovem que entra para o seminário com boas disposições e com pureza de intenção é um depósito sagrado que deve ser acompanhado com toda a solicitude. Ele encontra no seminário o ambiente mais apto para formá-lo nas virtudes humanas e cristãs, para fortalecê-lo nas dificuldades e contradições futuras, para prepará-lo para o sacrifício. Encontra Superiores solícitos e exemplares, paternais e compreensivos, severos quando for preciso, equilibrados, justos, magnânimos. Encontra mestres de sabedoria celestial, mais que de erudição humana, que formam sua mente e seu coração, e o tornam sensível às exigências das almas mais do que às curiosidades vãs de uma ciência que tem por fim a si mesma. É formado, especialmente nos anos decisivos, na escola da caridade e do apostolado, assim como quisemos expressar num artigo do primeiro Sínodo Romano: "*Extremis praesertim studiorum annis doctrina et*

usus alumnis explanetur de catechismo tradendo, de sacris orationibus habendis, de Poenitentiae sacramento ministrando atque directione animarum... de aegrotis ac pauperibus invisendis, deque moribundis iuvandis" (478, § 3). E ainda: "*Qui sacrorum alumnos ad sacerdotium instituunt, ad id in primis operam conferant, ut eorundem iuvenum animi moresque ad pietatem cum primis probe conformentur: quoniam si secus acciderit, vel exquisitissima doctrina, ob superbiam et arrogantiam que facile descenderet in animos, maximas edere poterit ruinas*" (479).

O jovem seminarista é ainda amparado e defendido em sua perseverança pela vigilância paternal dos párocos e pelo exemplo do jovem clero; e fica auxiliado nas dificuldades econômicas. Folgamos em pensar que nesse ponto os sacerdotes de hoje saberão emular os confrades do passado, para oferecerem exemplo e estímulo edificantes aos membros da Obra das Vocações, e do laicato sempre sensível e generoso.

Oh, quanta coisa pode e deve ser feita para que o dom de Deus, que é a vocação, oportunamente escolhida, auxiliada e rodada de cuidados, possa chegar a seu pleno florescimento no sacerdócio santo e santificador! Isso é, portanto, quanto Nos sugere a obra dos seminários na escolha e nos cuidados com as vocações eclesiais.

III — INSUFICIÊNCIA DE PADRES

Um terceiro pensamento, finalmente, é-Nos oferecido pelos dados estatísticos que temos sempre na mente e perante os olhos. Certamente as considerações que surgem do número dos sacerdotes, infelizmente insuficiente para as exigências de uma população em aumento contínuo e para um ministério pastoral muito complexo, justificam as ansiedades dos Pastores. A palavra angustiada de Jesus, que passa além dos milênios, permanece verdadeira e admoestadora: "A messe é grande, mas os operários são poucos" (Lc 10, 2). Todavia, o número dos novos sacerdotes e, especialmente, dos alunos dos Seminários Menores fazem pressagiar um florescimento mais alegre dos Seminários Maiores para os próximos anos. Isso dá muito consolação.

Mas um sacerdote não se improvisa, uma vocação não se faz por si só. É preciso, pois, trabalhar. Todos unidos e de boa vontade: antes de tudo os sacerdotes, e depois os bons leigos, os pais, cada um conforme as indicações das possibilidades próprias, mas sem hesitação ou temores.

O trabalho de quem colhe as espigas não é complicado. Em sua simplicidade, requer somente coração aberto e pronto, intuição e discrição, zelo sincero e amor de Deus. Basta seguir o sulco, que é como dizer, as pegadas da Providência: descobrir um sinal, respeitar um segredo, acalentar uma idéia, aproveitando o momento justo para encaminhar, aconselhar, dirigir com mão leve e firme nos momentos de crise e de tentação.

Mas sobretudo rezar e fazer rezar, segundo o convite persuasivo de Jesus: "Pedí, pois, ao dono da messe que envie operários à sua messe" (Lc 10, 2).

Queremos concluir Nossas palavras com uma súplica ardorosa e confiante

ao Pai celestial, *ex quo omnis paternitas in caelis et in terra nominatur* (Ef 3, 15), para que envie sacerdotes numerosos e santos; dirigimo-Nos à Mãe de Jesus e nossa, que ficou ao lado dos Apóstolos no Cenáculo com sua presença suplicante e silenciosa; aos Santos Apóstolos, os primeiros doze, e a todos os outros que os seguiram, para que continuem a derfamar os tesouros de seu exemplo e de sua intercessão valiosíssima.

Queremos ainda estender nossa súplica ao Nosso clero diletíssimo, a fim de que resplandeça naquelas virtudes que se tornam atração das almas novas, a audácia e coragem dos jovens; determinando assim um despertar contínuo de vocações, que são a honra e a salvação de nosso povo cristão.

E ainda Nos dirigimos às famílias fiéis e generosas, a fim de que considerem como a honra mais alta, que lhes possa caber sobre a terra, poder oferecer ao Senhor um sacerdote, que será para elles coroa de alegria e de consolação em vida e na morte, e especialmente no Paraíso. Saibam conservar em seu seio uma atmosfera serena e alegre, laboriosa e pura, onde as tempestades ameaçadoras são percebidas, mas como um eco longínquo; tenham a força de cumprir alegremente uma separação, quando o Senhor o pedir. Sejam a reserva preciosa de corações ardentes, prontos a responder ao chamamento sobrenatural para trabalhar pelo Reino de Deus.



Veneráveis Irmãos, diletos filhos, não quereis vós permitir ao Papa que vos fale confiar-vos uma dor que está sempre no íntimo de seu coração? Sim, é natural e justo que nos ocupemos e preocupemos pela formação e pelo número adequado dos futuros sacerdotes para as dioceses da Itália e da Europa. Mas os olhos ansiosos vão procurar tôdas as nações do mundo e particularmente as da América Latina, onde a vastidão dos territórios, o incremento rápido da população, os ajustamentos políticos e econômicos contribuíram, com outras causas, para retardar, para tornar difícil a solução do grave problema das vocações e dos aspectos particulares da ação pastoral conforme as exigências aumentadas dos tempos.

Sentimos satisfação em olhar para a frente com a confiança que anima a Comissão Pontifícia para a América Latina, que soube reconhecer a situação e sugerir os remédios aptos.

A consciência do Papa está ansiosa sobre êsse ponto.

Deixai-Nos formular o voto de que as dioceses da Itália não somente provejam logo e amplamente às suas necessidades, mas estejam habilitadas — especialmente as do Norte — para oferecer à Igreja as energias preciosas de seus filhos, convidados a dirigir-se com amor para os campos imensos das dioceses duplamente irmãs da América Latina.

Senhor Cardeal Prefeito da Congregação dos Seminários, tomamos coragem e conforto por esta cooperação pronta, alta e generosa dos Dicasterios Romanos que sentem, vivem e difundem em sua amplidão a ordem do Senhor Jesus, que está sempre pronto para apressar os passos para outras cidades e aldeias que esperam a sua palavra.

Vençáveis Irmãos e queridos filhos!

Estas são Nossas solitudes, êstes são Nossos votos paternais. Que vos torneis intérpretes no trabalho que realizais ao serviço de um ideal tão alto e tão precioso. E para que vossas atividades consigam os frutos mais amplos e consoladores, alegramo-Nos em vos acompanhar com Nossa Bênção Apostólica, que de coração derramamos sobre vós, sobre vossos seminaristas, sobre vossos colaboradores na Obra das Vocações Eclesiásticas, e sobre todos os que se preocupam com esta missão de merecimento incomparável perante Deus e a sua Igreja.

II

Carta da Secretaria de Estado aos participantes do 70.º Congresso Nacional da União das Obras Católicas da França (1)

Vaticano, 25 de março de 1961

Monsenhor,

A União das Obras Católicas da França realizará em Toulouse, de 4 a 9 de abril próximo, seu 70.º Congresso Nacional, sob a presidência de Vossa Excelência e com a assistência de Sua Excia. Mons. Ménager, esforçado Secretário Geral da Ação Católica Francesa. Organizadas com desvelo e competência pelo Diretor da União, essas sessões visam facilitar um novo encontro, amplo e frutuoso, de todos os que se preocupam com os problemas pastorais.

Quando há apenas três anos, a União das Obras celebrou o centenário desses congressos, o Papa Pio XII, de feliz memória, quis manifestar sua benevolência com uma Carta autógrafa, na qual se expressava nestes termos: "Na hora em que na Igreja são grandes as necessidades apostólicas, em que por falta de operários evangélicos muitos campos ficam sem cultura, Nós desejamos... que se insista *opportune, importune* sobre o atual grave dever de favorecer entre a juventude o despertar das vocações sacerdotais e religiosas" (Carta Aut. a Mons. Chappoulié, Oss. Rom., 10.4.58). Não satisfeitos de ter feito isso, então, ao voto do saudoso Pontífice, os organizadores julgaram oportuno tomar por tema no corrente ano "a pastoral das vocações sacerdotais e religiosas".

O Santo Padre felicita-os vivamente por essa escolha tão oportuna e expressa o desejo de que as conferências e os círculos de estudo de Toulouse contribuam para suscitar no espírito do clero e dos fiéis uma noção exata da vocação, a fim de que seja desempenhada uma pastoral de conjunto. É essa, de fato, uma condição importante para o desabrochar e a defesa das vocações na Igreja e uma necessidade urgente na França e em outros lugares. Sua Santi-

1) Oss. Rom., supl. sem., 10.4.61.

dade não duvida de que os congressistas aproveitarão a oportunidade dessas próximas sessões para tomar um conhecimento mais profundo da doutrina constante da Igreja sobre essa matéria, tal como está expressa nos últimos documentos pontifícios. Ele quer, entretanto, aproveitar o ensejo para salientar a importância pastoral do tema estudado, no decorrer deste encontro.

Como demonstram numerosos testemunhos, as vocações nascem muitas vezes em nossos dias após um contato vivo e prolongado com tal sacerdote ou tal alma a Deus consagrada. Assim se faz uma iniciação progressiva para o sacerdócio ou a vida religiosa, que torna a alma atenta às necessidades espirituais do mundo moderno e, aos poucos, nela desperta uma maior disponibilidade para responder aos diversos chamamentos do Senhor.

Esses testemunhos confirmam, se houvesse necessidade, a sabedoria da Igreja que, há muito tempo, instituiu os seminários e as casas de formação para a juventude chamada ao serviço de Deus. Nesses institutos, as crianças que se sentem chamadas ao sacerdócio ou à vida religiosa recebem, não só uma formação propriamente religiosa, mas ainda uma sólida instrução e a educação completa requerida por sua vocação: desabrocamento da vontade no domínio e no dom de si mesmos, uso sadio da liberdade individual e desenvolvimento proporcional do sentido apostólico. Essa preparação é ainda grandemente facilitada na França pelo bom desenvolvimento do Movimento dos Jovens Seminaristas.

Tais fatos permitem, além disso, situar as diversas responsabilidades no despertar e no amparo das vocações: tanto as do clero como as dos fiéis. Como não há de levar todo sacerdote, no fundo de seu coração, a vontade primária de transmitir aos outros o apêlo que ele mesmo recebeu para a salvação do mundo e para sua felicidade pessoal? Tal transmissão será acompanhada não só por palavras e pelo exemplo de uma vida consagrada e feliz, mas também pela ação do pastor desejoso de atrair toda a comunidade cristã, da qual ele está encarregado, por uma ação missionária. Os chamamentos do Senhor ao sacerdócio e à vida religiosa serão, desde então, facilmente percebidos e os jovens recebê-los-ão com um ardor livre e diligente. Pertencerá, enfim, ao sacerdote, defender essas vocações nascentes durante os anos que medeiam até seu pleno desabrochamento: para ele será esse o momento de encaminhar simultaneamente tais jovens almas a um encontro ainda mais pessoal com o Senhor e a um começo de colaboração nas tarefas apostólicas da Igreja.

Quem não vê, então, que a comunidade cristã — e cada família de modo particular — partilha ela própria com o sacerdote a responsabilidade das vocações? Se os católicos orientarem deliberadamente suas trilhas para a realização do reino de Deus e procurarem juntos entrar com todo coração no seu plano de salvação, enfim, se formarem uma comunidade de fé viva, é certo que constituirão um ambiente altamente favorável ao despertar e ao crescimento de numerosas e belas vocações.

Ao terminar estas recomendações, o Santo Padre quer confiar a cada congressista Seu vivo desejo de ver apresentar aos jovens, de modo positivo, as necessidades apostólicas atuais da Igreja. Sem se queixarem inutilmente pela

escassez das vocações, os educadores mostrarão como é vasto o campo do Senhor e urgente o serviço de Deus. O Concílio Ecumênico fará brilhar sobre a Igreja universal uma radiosa primavera e uma missão gloriosa espera as futuras almas consagradas mais os operários evangélicos de amanhã.

Que voltem sua atenção para as imensas regiões do mundo que gritam sua fome do Evangelho ou, às vezes, valha-nos Deus, sua recusa do Cristo. Que vejam também os ministérios tão vários da Igreja: pastoral, ação educativa, caritativa, hospitalar; vida contemplativa e trabalho missionário; e que deixem ecoar nêles o apêlo do Mestre da messe. Sua Santidade quer acreditar que compreenderão êsse mesmo convite afetoso e paternal que lhes transmitiu no fim da Encíclica comemorativa do centenário da morte de São João Maria Vianney: "A messe é grande, mas poucos os operários" (Mt 9, 37). Em muitas regiões, os apóstolos, gastos pela fadiga, esperam cheios de vivo desejo por aqueles que os hão de substituir. Povos inteiros sofrem mais de uma fome espiritual do que mesmo da material; quem lhes levará o alimento celeste do verdade e de vida? Temos firme confiança em que a mocidade dêste século não é menos generosa para responder ao apêlo do Mestre do que a dos séculos passados". (A.A.S., 51 (1959) p. 277).

Conscientes das vantagens que poderão advir duma participação frutuosa nesses próximos encontros nacionais para o futuro sacerdotal das dioceses da França, como também para o impulso da vida religiosa neste País, o Santo Padre os recomenda com prazer à Providência divina. Invoca sobre os trabalhos dêsse congresso uma larga efusão de luzes celestiais e envia de todo coração a Vossa Excelência e a todos os Congressistas de Toulouse uma especial Bênção Apostólica.

Feliz em vos transmitir esta preciosa mensagem, peço-vos accite, Monsenhor, a certeza de meus sentimentos completamente devotados em N. S.

D. Card. Tardini

SEMINÁRIO PARA A AMÉRICA LATINA NA ITALIA

"... Os sinais de um despertar promissor desta sensibilidade (para a dilatação da caridade) não faltam, graças a Deus. Seja-Nos, pois, permitido lembrar em vossa presença uma notícia que Nos alegra e comove: a boa semente, que breve será lançada em Verona, lá onde confluem as três regiões, de um cenáculo para a formação de sacerdotes a serem oferecidos às imensas e promissoras regiões da América Latina, é um sinal da caridade mais fina, que se quer acender no Vêneto, e ser de estímulo para todos"...

Do Discurso do Santo Padre à peregrinação das populações das três Venécias, por ocasião da canonização de Santa Maria Bertilla Boscardin, do Instituto das Irmãs Mestras de Santa Dorotéia, Filhas dos Sagrados Corações.

NA VIGÍLIA DO IV CENTENÁRIO DA REFORMA TERESIANA

Exortação de S.S. João XXIII ao Capítulo Geral dos Carmelitas Descalços — 29 de abril de 1961 (1)

Queridos filhos!

Temos o prazer de vos dizer desde já que pretende este encontro ser um ato de particular atenção para com vossa Ordem, na iminência das comemorações quatro vêzes centenárias daquele movimento espiritual, daquele novo desabrochar de ideais e de fervores de vida contemplativa, que teve como precursores e mestres Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz.

É desejamos ainda evocar ao Nosso redor, como que para um embelezamento celestial deste ameno encontro, três eminentes prelaços que, em tempo recente, honraram as brancas lãs carmelitas e o sagrado Colégio cardinalício: os cardeais Gotti Girolamo Mariá, Rossi Carlo Raffaello e Piazza Adeodato Giovanni, de bendita e edificante memória. Do mesmo modo é para Nós motivo de devoção a lembrança de Nossas visitas pessoais aos lugares célebres das duas Santas Teresa, a grande e a pequena: em Alba de Tormes (Ávila) e em Lisieux, bem como em tantos outros ermos abençoados que do Carmelo tomam o nome e o espírito.

E passamos ao ponto histórico de vossas origens.

A 24 de agosto de 1562 foi a fundação, tão contrastada, do mosteiro de São José, em Ávila, que com clareza viril conta a reformadora intrépida em famosos trechos de sua *Vida* (caps. XXXII-XXVI). É verdade que no ano 1568 foi aberto em Duruelo o primeiro convento de religiosos, como refere Santa Teresa nos Capítulos décimo terceiro e décimo quarto das *Fundações*: assim é, pois quando se fala do primeiro convento fundado pela Santa, é na primeira semente de toda a Ordem — que depois haveria de desenvolver-se vigorosamente — que se pensa. Portanto, o Capítulo que agora celebrastes foi caracterizado por esta preparação, e o mesmo com razão pode ser chamado o Capítulo do IV Centenário da Reforma Carmelitana.

A circunstância Nos oferece assunto para algumas considerações. São elas: gratidão a Deus; espírito de oração; renovado empenho missionário.

I — GRATIDÃO A DEUS

Antes de tudo, o completarem-se quatro séculos desde o início da reforma da Ordem é um convite à gratidão para com Deus, pelos benefícios com que espalhou de graças o caminho até aqui trilhado. *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam* (Sl 113, 1). Do fundo de vosso coração sobe o cântico do reconhecimento: não certamente para se exaurir na satisfação de merecimentos passados, mas para continuar a serdes instrumentos fiéis da glória de Deus!

Não faltam motivos para animar esta gratidão: a proteção celeste visi-

1) "Oss. Rom.", Supl. Sem., 2.5.61

vel, ainda que entre as privações e asperezas do comêço; o intenso florescimento de uma santidade sólida, fundada no desapêgo e no sacrifício de si próprios, que resplandece nos numerosos Santos e Bem-aventurados da Ordem; a multidão de religiosos que se distinguiram no campo dos estudos, particularmente da teologia e da mística. Eis o estímulo constante para agradecer a Deus e para generosamente amor com amor retribuir!

Será também êste um modo de permanecerdes fiéis ao espírito de Santa Teresa, de quem temos o prazer de lembrar o contínuo suspirar, como que um eco conseqüente de suas efusões íntimas: *Seja para sempre louvado e glorificado o Senhor... Seja para sempre louvado e bendito... Seja para sempre bendito...*

II — ESPÍRITO DE ORAÇÃO

A comemoração de vossas origens reafirma o propósito renovado de fidelidade ao *espírito de oração*, da oração que é, podemos dizer, a própria essência do ideal de perfeição carmelita. As Constituições da Ordem falam explicitamente dêle como de um dever proeminente e insubstituível: *potior pars — rerum divinarum contemplatio et amor*. Ainda hoje é isso que tão poderosamente atrai as almas ao Carmelo: o espírito de contemplação amorosa que permeia e perfuma de si mesmo tôdas as outras atividades, é o resultado e o prêmio das penitências e privações.

Rerum divinarum contemplatio et amor: que lindas palavras, queridos filhos, e como bem correspondem ao ensinamento de Santa Teresa, segundo a qual o proveito da alma na oração *não consiste em pensar muito, mas em amar muito* (Fondazioni, Cap. V, 2; ed. italiana, Milano, 1931, p. 1100).

Contemplar e amar, para entregar-se a Deus na procura de sua vontade. Esta oração, segundo a grande Fundadora, *é a porta*, pela qual passa o Senhor: *se Ele quiser entrar numa alma para tomar nela suas delícias e enchê-la de bens, não há outra via senão esta; isto é, que a alma esteja só, pura e desejosa de recebê-Lo* (Vita, cap. VIII, op. cit., p. 84). A Santa está tão profundamente convencida disso que transforma em tratados de orações também suas memórias, os diários, as narrações históricas: tão enraizada está nela a idéia da presença divina e o hábito de amizade com o doce Hóspede da alma (cfr. ib., p. 80).

Para quem procura realmente a vontade do Senhor e sua glória, por certo que é necessária fortaleza e perseverança, porque no desapêgo de qualquer estôrvo terreno é que se encontra a Deus. E' necessário mortificar todo compromisso com certo espírito de mundanidade e de diversões vagas, que parece às vêzes querer insinuar-se também nas almas dos chamados a uma vida inteiramente santa. Em especial é necessário um grande amor, como dissemos aos sacerdotes de Roma durante a celebração do Sínodo: "amor a Jesus, ardente, piíssimo, vibrante e aberto a tôdas aquelas efusões de mística intimidade, que tornam tão atracente o exercício da piedade sacerdotal, da oração — tanto da oficial da Igreja universal, quanto daquela de formas privadas bem escolhidas e praticadas, o poder abandonar-se às quais é delícia e alimento saboroso e

sólido do espírito "(Secunda Romani Synodi sessio; A.A.S., LII (1960), p. 234).

Será este espírito de oração que há-de velar pela eficácia de vossa vida e de vosso apostolado, e que também hoje, como nos tempos de Santa Teresa e de São João da Cruz, exercerá sobre as almas uma fascinação irresistível.

III — O EMPENHO MISSIONÁRIO

O empenho missionário é, por fim, a solene palavra de ordem que emana do ensinamento deste IV Centenário.

E' para vossa Ordem título de honra o impulso missionário que, desde as origens, se nota no desenvolvimento de cada ramo da mesma: do México à Pérsia, da Índia à Mesopotâmia, da Síria à China, as vastas regiões lourejantes da messe viram elas chegar também vossos operários cheios de boa vontade.

Que grande satisfação dá a Nosso espírito este florescimento missionário! Este é não somente índice precioso dos sentimentos que sempre animaram vossos coirmãos, mas, em particular, é promessa e estímulo para continuar uma tão meritória obra. O momento atual abre ao Reino de Cristo perspectivas imensas nas nações do mundo; reclama ele por fileiras de apóstolos sempre mais numerosas, para os quais a ordem do Divino Salvador é lei e norma de urgência indeferível. O Papa que vos fala, como disse em inúmeras ocasiões, dedica a este problema de expansão missionária toda a ânsia e a solicitude de Seu coração, porque este é o grande ideal que reflete o testamento de Jesus: *Euntes... docete omnes gentes* (Mt 28, 19). E' esta a chama que arde em Seu coração, e Ele não cessa de a fazer brilhar a quantos podem e devem compreender o valor do mandato de Cristo e a preocupação de seu humilde Vigário.

Diletos filhos!

É-Nos agradável, pois, manifestar também a vós estas confidências, porque sabemos que elas encontraram e encontram eco de correspondência generosa. Pegai da chama que vossos irmãos vos transmitiram, alimentai-a e difundi-a com o zelo santo de vossa vocação. Brilha do alto, com o fervor inflamado pelo seu exemplo, Santa Teresa do Menino Jesus, que Nosso Predecessor Pio XI proclamou, em 1927, Copadroeira universal das Missões. Continúe ela a inspirar em vós um férvido ardor missionário, ela que soube alcançar do ideal carmelitano uma força como que sobre-humana para se imolar no silêncio pela salvação das almas.

Diletos filhos!

Na continuação sempre fervorosa de vossas atividades, é para Nós um prazer assegurar-vos Nosso paternal afeto. Seguimo-vos no cumprimento de vossas tarefas, como seguimos todas as famílias religiosas, de cujo perfume se enriquece e enfeita o jardim da Santa Igreja.

Penhor destes votos cordiais é a paternal e confortadora Bênção Apostólica que efundimos sobre vós, sobre todos os Carmelitas Descalços espalhados pelo mundo, com particular olhar pelos missionários, pelos que sofrem, pelos alunos do Santuário, esperança e promessa de perene juventude.

ASPECTOS SÓCIO-RELIGIOSOS E SOCIOGRÁFICOS DO BRASIL

Pe. Tiago G. Cloin CSSR

III CAPÍTULO — O CLERO

(Continuação do número anterior)

A primeira condição para um desenvolvimento normal na vida católica de um país é o número suficiente de padres porque d'elles dependem o ensino da Fé e a administração dos sacramentos, nos quais repousa, em suma, tãda vida religiosa e moral.

I — A FALTA DE PADRES

E' universalmente reconhecido que a distribuição do número de padres no mundo católico é muito desigual e que com relação a isto tãda a América Latina — que compreende, além da América do Sul e América Central, também o México — se encontra em condições particularmente desfavoráveis. Se a repartição fôsse homogênea, a América Latina, que conta com 32,9% do número total de católicos, deveria ter também 32,9% da totalidade do clero. Na realidade, ela não parece ter senão 8,7%, ou 280% a menos.

Estabelecendo-se uma comparação entre a América Latina e o resto do mundo católico, obtêm-se os números do quadro 16.

A desproporção na repartição do clero que de maneira evidente êste quadro nos revela, ilustra de maneira tocante a falta proverbial de padres nos países latino-americanos. Entre êstes, o Brasil ocupa um lugar particularmente desfavorável a êsse respeito.

Dentre os 22 países latino-americanos, 7 se encontram em uma situação mais precária que a do Brasil quanto à média de católicos por padre.

Ê preciso, entretanto, considerar que a falta de padres não está somente ligada ao número de católicos mas também ao número de km² por padre. A

1) Na apreciação que segue temos utilizado a estatística de J. Luzzi: "L'Amérique latine a besoin de prêtres", publicada em "Nouvelle Revue théologique", n.º 77 (1955), p. 823-25, mas corrigindo os algarismos relativos ao Brasil fomos obrigados a corrigir um pouco alguns números. Não tivemos em conta a diferença proveniente do fato de que os números de J. Luzzi se referem ao ano de 1954, enquanto que os nossos, para o Brasil, se referem ao ano de 1953.

QUADRO 15

Número de católicos por padre na América Latina em comparação com outras partes do mundo

	Católicos	Padres	Percentagem do total		Católicos por padre
			Católicos	Padres	
Europa	224.256.170	252.570	48,3	66,0	888
Ásia	29.230.549	21.607	6,3	5,6	1.352
África	17.144.621	11.789	3,7	3,1	1.454
Oceânia	2.398.927	4.144	0,5	1,1	579
América do Norte (México exclusive)	38.575.443	59.407	8,3	15,5	658
América Latina (México inclusive)	152.613.443	32.779	32,9	8,7	4.654
	464.219.153	382.296	100,0	100,0	1.214

QUADRO 16

	Católicos	Padres	Percentagem do total		Católicos por padre
			Católicos	Padres	
América Latina	152.613.443	32.779	32,9	8,7	4.654
Resto do mundo	311.595.710	349.517	67,1	91,3	893

QUADRO 17

	Católicos	Padres	Percentagem do total		Católicos por padre
			Católicos	Padres	
América Latina	152.613.443	32.779	32,9	8,7	4.654
Brasil (dioceses e prelazias)	51.948.370	8.712	11,2	2,3	5.963

este respeito, a falta de padres no Brasil se faz sentir mais do que na maioria dos países acima mencionados.

Entre os 10 países da América do Sul, o Brasil ocupa a posição mais desfavorável no que concerne ao número médio de católicos por padre, todavia não quanto ao número médio de km² por padre, porque neste ponto a Bolívia, Venezuela e Paraguai se encontram em situação ainda mais precária.

Considerando-se que na Bolívia e Paraguai o número de km² por padre é o dobro do do Brasil — ainda que o número de católicos por padre não

apresente uma diferença sensível — deve-se reconhecer que a falta de padres nestes dois países é maior que no Brasil. De outro lado, o Brasil permanece em sentido absoluto o centro na falta de padres da América do Sul e mesmo de toda a América Latina, porque ele conta respectivamente com a metade e $\frac{1}{3}$ da totalidade dos católicos.

QUADRO 18

Número de católicos por padre em alguns países da América Latina

PAÍS	Número de católicos por padre.
Guatemala	14.606
Honduras	11.779
Rep. Dominicana	11.238
Salvador	8.233
Cuba	8.149
Porto Rico	6.397
Haiti	6.252
Brasil	5.963

QUADRO 19

N.º de católicos e de km² por padre num certo número de países da América Latina

PAÍS	Número de católicos por Padre Km ² .	
Chile	2.454	236
Uruguai	3.123	424
Colômbia	3.305	343
Equador	3.387	309
Argentina	3.810	627
Bolívia	4.901	1.934
Venezuela	5.103	1.070
Peru	5.383	924
Paraguai	5.827	1.736
Brasil	5.863	977

Para poder dispor de um número de padres equivalente ao que dispõe geralmente o mundo católico — isto é 1 padre para 1.214 católicos — o Brasil deveria contar com 42.824 padres. Ora, não tendo senão 8.712, faltam-lhe então 34.112 padres, ou seja 300%. Tendo-se em conta o fato que é impossível a um só padre assegurar uma pastoreação conveniente junto de 1.214 católicos dispersos ao longo de um território de 977 km² (quer dizer a média por padre no Brasil) segue-se que os 300% supraditos deveriam na realidade ser dobrados ou, quem sabe mesmo, triplicados.

II — A REPARTIÇÃO DO CLERO

A repartição do clero reveste-se de particular importância para quem quer compreender bem a situação do catolicismo no Brasil. Sobre isto, parece-nos interessante saber em que medida esta repartição se faz de maneira uniforme, não só geograficamente, em todo o território nacional, mas ainda e sobretudo demograficamente, entre a população.

A repartição do clero no que concerne a este segundo aspecto é a resultante de dois fatores, a saber o número de católicos por padre e o número de km² por padre, fatores representados nas duas últimas colunas do quadro 20. Neste quadro as 20 províncias eclesiásticas estão ordenadas geograficamente começando pela grande região do "no man's land", do este e noroeste (1—4), depois passando pelo norte (5—7) e seguindo a costa para o nordeste (8—12) e o leste (13—17), para enfim alcançar o sul (18—20). Nestes números

ressalta nitidamente que a densidade do clero não somente é maior no sul do que no norte, mas ainda que cresce progressivamente à medida que se dirige para o sul. E' tocante constatar, de um lado, a grande superfície por padre nas províncias eclesiásticas da vasta "no man's land" do oeste e noroeste (1—4) e, de outro, especialmente o grande número de habitantes por padre nas províncias do norte (5—7) e do nordeste (8-12). Fortaleza (7), no Ceará, aparece como sendo a mais bem provida de padres em toda a parte setentrional do Brasil. As províncias eclesiásticas do nordeste, exceto Salvador (12), possuem uma pequena superfície por padre, o mesmo acontecendo com Fortaleza (7). As províncias do leste (13—17) mostram uma fraca superfície e um pequeno número de habitantes por padre, mas Diamantina (13) faz exceção e sua si-

QUADRO 20 (1)

Densidade geográfica e demográfica do clero (sem as Prelazias)

Província eclesiástica	Sufragâneas	Estado	1.000 Km ²	1.000 Habitantes	Paróquias	P a d r e s			N.º por padre de	
						diosesanos	regulares	total	Habitantes	Km ²
Goiânia	1	Goiás	350	751	52	27	47	74	10.171	4.729
Cuiabá	2	M. Grosso	669	545	36	3	102	105	5.180	6.380
Manáus	0	Amazonas	550	350	20	14	60	74	4.735	7.541
Belém	0	Pará	153	1.000	46	26	63	89	11.225	1.719
S. Luís	1	Maranhão	222	1.183	58	43	34	77	15.372	2.857
Teresina	2	Piauí	139	985	35	40	10	50	19.700	2.780
Fortaleza	3	Ceará	147	2.913	128	221	149	370	7.876	399
Natal	2	Rio G. do N.	53	1.039	54	64	23(2)	87(2)	12.000(3)	609(3)
João Pessoa	2	Paraíba	56	1.813	73	110	48	158	11.861	362
Olinda-Rec.	5	Pernambuco	98	3.646	139	173	186	359	10.139	273
Maceió etc.	2	Alag. Serg.	49	1.819	89	127	49	176	10.355	283
Salvador	5	Bahia	563	5.155	191	144	184	328	15.720	1.717
Diamantina	5	Minas G.	249	2.240	129	102	91	193	11.705	1.304
Belo Horiz.	4	Minas G.	194	3.643	253	275	205	480	7.590	406
Mariana	5	Minas G.	121	2.550	357	400	214	614	4.153	197
R. de Jan. GB	5	GB-ES-RJ	83	5.598	331	394	462(2)	856(2)	6.960(3)	98(3)
S. Paulo	15	S. Paulo	247	9.837	602	677	1.145	1.822	5.399	136
Curitiba	2	Paraná	138	2.345	106	57	235	292	8.031	475
Florianópolis	2	S. Catarina	52	1.520	113	108	263	371	4.097	139
P. Alegre	5	Rio G. do S.	265	4.318	328	404	502	906	4.976	293

- 1) Os dados estatísticos deste quadro todo, se baseiam em "O Brasil Católico" e no Anuário Pontifício que, ambos, datam de 1953 (cfr. observações bibliográficas, no início do nosso estudo).
- 2) Faltam os dados de uma diocese.
- 3) As cifras, na realidade, são menos elevadas, embora a diferença não seja grande.

tuação lembra até certo ponto a situação desfavorável de Salvador, província eclesiástica da qual é, além disso, vizinha. As três Províncias eclesiásticas situadas mais ao sul (18—20) apresentam aproximadamente as mesmas características das províncias do leste (13—17).

Desta estimativa, sobressai que o Brasil, quanto à densidade de seu clero, pode ser dividido, com bastante precisão, em duas zonas geográficas: primeira—mente as províncias do oeste, do noroeste, do norte e do nordeste (1—12) que mostram uma densidade muito fraca de padres com exceção somente de Fortaleza (7); depois as províncias do leste e do sul (13—20) que têm uma densidade muito maior, com exceção de Diamantina que se aproximaria mais das características da primeira zona. Nesta mesma zona, a falta de padres se faz sentir mais nas províncias eclesiásticas do nordeste (8—12) que não representam senão 26,8% de sua superfície mas compreendem 60,7% de sua população.

III — CRESCIMENTO DO CLERO

Estaria o Brasil no ponto de recuperar o atraso, pelo menos em certa medida? A tarefa não é das menores, não somente devido a este atraso tão angustiante, mas ainda ao crescimento tão rápido da população (n.º 1—2).

Não é fácil responder a esta questão. Baseando-se nas estatísticas fica-se inclinado a pensar que o número de padres aumentou em forte proporção desde 1937. Quando em 1937, contava-se ainda 7.714 habitantes por padre, em 1953, este número havia abaixado para 6.412.

Avaliamos, entretanto, que estes dados sobre a falta de padres, que seria gradualmente menos sensível, não correspondem à realidade, sobretudo porque as estatísticas mais antigas mostram verdadeiras lacunas, maiores do que as que podem ser constatadas nas estatísticas mais recentes. Disto resulta que

QUADRO 21

Aumento de Padres de 1937-47 e de
1947-53

Percentagem do aumento de 1937-47 e de
1947-53

Ano	Habitantes	Sacerdotes			Habitantes	Sacerdotes			N.º de habitantes por Padre
		diocesanos	regulares	t o t a l		diocesanos	regulares	t o t a l	
1937	38.667.000	2.512	2.504	5.016	—	—	—	—	7.710
1947	48.438.000	2.930	2.930	6.349	25,2	16,2	36,5	26,5	7.629
1953	55.859.000	3.436	3.436	8.712	15,3	17,2	51,4	37,2	6.412

uma comparação dos resultados das antigas e das novas estatísticas perde muito de seu valor.

Não obstante, deve-se reconhecer que a penúria de padres parece ir decrescendo. É preciso igualmente considerar a reserva formulada acima diante das estatísticas que seguem sobre o excedente do clero regular face ao clero secular e sobre o aumento do número de seminaristas.

A percentagem em relação ao número total de padres que representam respectivamente os padres regulares e os padres diocesanos, salienta que cabe ao clero regular a maior parte do aumento de padres.

QUADRO 22

	1937	1947	1953
Sacerdotes Diocesanos	50,08	46,15	39,5
Sacerdotes regulares	49,92	53,85	60,5

Pode-se procurar a razão disso, parcialmente, no fato de a Europa e a América do Norte continuarem a enviar religiosos para o Brasil e também no fato de um recrutamento mais eficaz por parte dos próprios religiosos.

Em toda a América Latina, pode-se constatar este maior número de religiosos com exceção dos países indicados no quadro 23 A.

QUADRO 23

A

PAÍS	Percentagem do clero diocesano sobre o total de sacerdotes
México	78,2
Haití	58,2
Costa Rica	56,2
Colômbia	54,3
Salvador	51,0

B

PAÍS	País com maior percentagem de clero regular
Possessões francesas	84,5
Pôrto Rico	79,5
Uruguai	76,0
Rep. Dominicana	75,3
Panamá	73,2

IV — O RECRUTAMENTO (SEMINÁRIOS)

No decorrer desses últimos decênios, Roma muito se preocupou com os seminários diocesanos do Brasil e, principalmente pela nomeação de um Visitador apostólico permanente para os seminários, efetuou uma reorganização fundamental na sua direção espiritual e intelectual. Considerando-se que numerosas dioceses, em vista da falta de padres, não poderiam dispor de um pessoal suficiente para a direção dos seminários, o direito de ter um seminário

QUADRO 24

Ano	Seminários maiores	Estudantes	Seminários menores	Estudantes	Pré Seminários	Estudantes	Total de aspirantes ao Sacerdócio
1937	12	897	44	1.825	4	91	2.813
1947	13	987	49	3.280	16	311	4.577
1954	13	1.230	83	5.273	9	625	7.128

maior ficou reservado às arquidioceses, de maneira que todos os sufragâneos tiveram de fechar os seus seminários maiores. Em 1954, somente 13 das 20 províncias eclesiásticas chegaram a abrir um seminário maior. Cinco dentre eles foram elevados por Roma a "Seminários Centrais" e estão submetidos a um regime especial prescrito pela Santa Sé, tendo um programa de estudos mais extenso. Estes seminários se encontram no Rio de Janeiro GB, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte. De outro lado, Roma insiste para que cada diocese, e mesmo cada prelazia, tenha seu seminário menor e ao menos um pré-seminário. Contudo, em 1954, 22 de 66 sufragâneos não possuíam ainda nem um, nem outro.

Além desta reorganização dos seminários, Roma incita a fazer uma propaganda mais intensa em favor das vocações sacerdotais cujos resultados não deixaram de se mostrar satisfatórios.

De 1937 a 1947 o número de seminaristas maiores aumentou de 10% e de 1937 a 1954 o acréscimo foi mesmo de 36%. Durante este mesmo período, entretanto, a população aumentou respectivamente de 25% e 47%. Nêstes números sobressai que os seminários maiores não tiveram êxito em seguir o mesmo ritmo que o crescimento da população, sem falar em compensar o atraso. Os seminários menores, em compensação, apresentam uma situação muito mais favorável porque, neste mesmo período, o crescimento do número de seus candidatos era respectivamente de 74% e 194%. Embora entre 1947 e 1954, a taxa de aumento dos seminaristas maiores fôsse mais elevada do que o da população (a percentagem era respectivamente de 24,8% e 18,1%) não se pode disto deduzir perspectivas muito otimistas para um futuro próximo.

Com efeito, o aumento de 74% nos seminários menores de 1937 a 1947 deveria ter produzido melhores resultados no crescimento dos seminários maiores de 1947 a 1954, que subiu então somente a 24,8%. Os seminários maiores diocesanos não puderam ainda demonstrar que estão em condições de reduzir a falta de padres em um tempo suficientemente rápido.

Não possuímos dados suficientes sobre as instituições de formação do clero regular (escolas apostólicas e escolasticados) para poder dar uma impressão do seu desenvolvimento.

Tudo parece indicar, entretanto, que o excedente do clero regular com relação ao clero diocesano provém, na maior parte, do aumento do número de seus seminaristas.

V — CAUSAS DO FRACO RECRUTAMENTO

É inegável que a Igreja no Brasil, no decorrer destes últimos anos, empregou esforços consideráveis para superar a falta de padres. Por diversas causas, entretanto, os resultados não corresponderam ainda a estes esforços.

Em si a falta de Padres já constitui um fator que dificulta o recrutamento. Considerando o grande número de católicos sob a responsabilidade de um só padre, a pastoreação não se pode fazer em profundidade suficiente. Isto traz como consequência inevitável que se encontram poucas famílias nas quais essa disciplina moral e este sentido religioso constituam geralmente o fundamento indispensável para fazer germinar um número suficiente de vocações sacerdotais.

É igualmente a atmosfera sensual, fortemente erótica e freqüentemente imoral, da vida pública (ver VI-I) exercendo uma influência na juventude masculina logo desde a infância, que sufoca numerosas vocações entre os jovens que no entanto mostram disposições reais para o sacerdócio.

Existem, entretanto, dois outros fatores que, talvez mais que os precedentes, expliquem a insuficiência de vocações. Como já foi dito, encontram-se poucos padres da raça negra ou verdadeiros homens de cor no clero, mesmo no baixo clero.

Ainda que os habitantes de cor representem 36% da totalidade da população, considerando a política de recrutamento das autoridades eclesiásticas, estes se vêem geralmente já excluídos do seminário e por isso mesmo do sacerdócio. É preciso evitar atribuir esta política a uma discriminação racial. Ela tem, antes de tudo, suas raízes na psicologia típica dos não-brancos. Geralmente estes sofrem de um grave complexo de inferioridade que data do tempo da escravidão, que só em 1888 foi abolida no Brasil. É claro que disto resultam muitos obstáculos para uma formação sacerdotal normal, mas a consequência é que, por esta razão, já o campo de recrutamento se vê diminuído de 36%.

A causa principal parece-nos ser entretanto o analfabetismo. Em 1940, 84,5% da juventude masculina dos 5 aos 9 anos e 57,3% da juventude masculina dos 10 aos 11 anos, era analfabeta.

Embora se possa admitir que, para esses grupos de idade, o analfabetismo tenha diminuído de alguns %, é certo que, ainda hoje, 50% da juventude

masculina se vê afastada de antemão em virtude de seu analfabetismo. Isto constitui ainda portanto uma outra razão explicando por que somente poucos padres provêm do grupo "não branco" da população, grupo no qual o analfabetismo é mais freqüente que no grupo branco.

Não nos parece exagêro afirmar que as duas últimas causas sòzinhas já reduzam as possibilidades de recrutamento a 40% ou mesmo 30%; o que representa certamente a razão principal da falta de padres. E pode-se imediatamente acrescentar aquí que uma importante melhora no recrutamento sacerdotal só será possível, num futuro próximo, se houver pressa de dar à população, ao menos, uma instrução elementar.

(Continuará no próximo número)



CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA
«SEDES SAPIENTIAE»
e anexos

ESTATUTOS GERAIS

**SÔBRE A FORMAÇÃO RELIGIOSA, CLERICAL E APOSTÓLICA
A SER DADA AOS CLÉRIGOS DOS ESTADOS DE
TENDÊNCIA A PERFEIÇÃO**

**Edição em língua portuguesa da Sagrada Congregação dos Reli-
giosos, curada pela Conferência dos Religiosos do Brasil.**

Volume de 112 páginas, em papel couchê, 24 x 16,5.

Pedidos à

PREÇO Cr\$ 100,00

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Av. Rio Branco, 131-9.º

RIO DE JANEIRO

DIMENSÃO TEOLÓGICO-PASTORAL DO CINEMA

*S. Santana Daniel, S. J.
Faculdade de Teologia Cristo Rei
São Leopoldo (RS)*

Para uma informação mais ampla ver as referências bibliográficas no fim deste artigo.

O Cinema é, como se sabe, a mais jovem das artes. Conta apenas 66 anos. Não obstante, através da crítica de suas obras mais representativas já percebemos que a Sétima-Arte reflete também com bastante fidelidade as várias correntes do pensamento contemporâneo, as diversas concepções do mundo e da vida.

ESPELHO DA MENTALIDADE DOS GRUPOS SOCIAIS (1, 5, 8)

Podemos, por exemplo, cotejar as tendências das diversas escolas cinematográficas contemporâneas com os costumes pagãos reassumidos pela sociedade em que vivemos. Como a civilização ocidental está atualmente submersa numa onda de materialismo em que a agressividade militante ou a ignorância afetada fazem caso omisso de Deus, de igual modo a história do Cinema nos mostra escolas inteiras que recusam a criação de qualquer película dotada de abertura para o mundo espiritual. Nesta deplorável situação encontramos de uma parte a esmagadora maioria da produção norte-americana, que promove a alienação do espectador, arrancando-o às vivências da realidade para entre tê-lo com as miragens do paraíso hollywoodense. De outra parte a ideologia russa que desnaturaliza ou destrói completamente os temas e argumentos religiosos.

Os cineastas da escola psicológica francesa também não fazem exceção. Parece até que o sentimento religioso é para eles uma categoria desconhecida. Às vezes é o silêncio ou a tétrica ambigüidade de René Clair. Outras vezes é a negação que se encontra nos filmes de Clouzot. A ironia mordaz de Autant-Lara. O derivativo mitológico no universo de Cocteau. A interpretação puramente humana da realidade que se vê nas realizações de Jean Renoir. Vê-se que para estes, como para muitos outros directores de prestígio internacional, as janelas do estúdio que se poderiam abrir à luz da eternidade, permanecem hermeticamente aferrolhadas pela cegueira do materialismo. É isto que os leva tantas vezes ao absurdo!

Que dizer da “Nouvelle Vague”, essa bossa-nova do estetismo francês? Representada principalmente pelo talento artístico de Claude Chabrol, François Truffaut, Alain Resnais e Marcel Camus, está envolvendo e contaminando com sua espuma lodosa milhões de fãs no mundo inteiro. Embora conte com realizadores e autores talentosos, detém-se na superfície da realidade, no malabarismo intelectual, no sensualismo erótico, na exploração do prurido de novidade... Via de regra o veneno é injetado nas almas através da força sugestiva de uma linguagem plástica muito esmerada. Os seus efeitos devastadores já se fazem sentir até nos arraiais católicos. E — diga-se de passagem — os problemas que levanta constituem agora um desafio à pena dos mais estudiosos moralistas.

Dêsse tipo de cinema, creio que se poderia dizer com justeza aquilo que à religião injustamente atribuem os marxistas: “...é o ópio do povo!”

1961

A IGREJA TOMA POSIÇÃO (6, 9, 10)

“São portanto condenáveis — escreve Pio XII na Enc. “Miranda Prorsus” — todos os que pensam e afirmam que se pode usar, estimar e louvar determinada forma de difusão, mesmo que falte gravemente à ordem moral, contanto que encerre valor artístico e técnico. É verdade que a arte para ser tal, não requer explícita missão ética ou religiosa. Mas se a linguagem artística servisse com suas palavras e cadências a espíritos falsos, vazios e túrbidos, não conformes ao plano do Criador; se, em vez de elevar o coração a nobres sentimentos, excitasse as mais vulgares paixões, não deixaria de encontrar eco e aceitação nalguns, mesmo só pela novidade, que não é sempre um valor, e pela diminuta parte de realidade que toda linguagem contém; mas tal arte degradar-se-ia a si mesma, renegando o seu aspecto primordial e essencial, nem seria universal e perene, como o é o humano a que se destina”.

E Pio XI já dera entre outras, na Enc. “Vigilanti Cura”, estas diretrizes para a pastoral do Cinema: “Os Bispos do mundo inteiro, porém, devem esforçar-se para esclarecer os profissionais do Cinema, fazendo-os compreender que uma força tão poderosa e universal pode ser dirigida útilmente para um fim muito elevado, como seja o aperfeiçoamento individual e social da humanidade. E não é só questão de evitar o mal. Os filmes não devem somente ocupar as horas vagas de lazer, mas podem e devem, por sua força magnífica, ilustrar as mentes dos espectadores e dirigi-los positivamente para todas as virtudes”. Continuando na mesma linha de pensamento, o Sumo Pontífice acrescenta: “Dada a importância da matéria, julgamos oportuno traçar algumas indicações práticas. Antes de tudo, todos os pastores de almas se esforçarão por obter dos fiéis que façam anualmente, como os católicos dos Estados Unidos da América, a promessa de se absterem dos filmes que ofendem a verdade e as instituições cristãs. Este compromisso pode ser obtido de modo mais eficaz por meio da igreja paroquial ou das escolas; e para este fim os Bispos reclamarão a diligente cooperação dos pais e das mães de família, que têm,

nesta matéria, graves deveres e responsabilidades. Igualmente podem usar da imprensa católica, que mostrará com afinho e proveito a importância desta santa cruzada”.

Diretrizes que Pio XII completa na Miranda Prorsus, inculcando de modo positivo a educação cinematográfica das multidões: “Para em tais condições — diz S. S. — poder o espetáculo desempenhar a sua função, requer-se esforço educativo que prepare o espectador. Que o prepare para compreender a linguagem própria de cada uma dessas técnicas (audiovisivas) diversas, e, para dispor de tal formação da consciência que lhe permita julgar com ponderação os vários elementos oferecidos pela tela e pelo alto-falante, e, assim defendido, não lhes ir sofrer passivamente o influxo, como muitas vezes acontece. Nem uma diversão sadia “que se tornou agora — como dizia o Nosso Predecessor de f.m. — verdadeira necessidade para a gente que se esfalha nas ocupações da vida”, nem o progresso cultural se podem considerar plenamente garantidos sem esta obra educativa, esclarecida por princípios cristãos”.

OS VALORES POSITIVOS DO CINEMA

LHE DÃO UM SENTIDO TEOLÓGICO-PASTORAL (4, 5, 7, 9, 10)

Jean Epstein, filósofo ateu da Sétima-Arte, descobriu no Cinema um instrumento destinado a arruinar secretamente toda concepção religiosa do universo. No seu livro “Le Cinéma du Diable” procura demonstrar as possíveis influências da tela sobre a mentalidade das gerações vindouras. Das quais já procura tirar partido, aduzindo-as em abono do seu materialismo ateu. Quer me parecer, porém — e nisto estão de acordo todos os teóricos católicos do Cinema — que os elementos cinematográficos que Epstein considera descris-tianizantes, são precisamente os que podem trazer uma grande ajuda para a reconquista cristã do mundo paganizado.

“As boas representações — reconhece Pio XII naquela carta-magna do Cinema — podem, pelo contrário, exercer uma influência profundamente moralizadora sobre seus espectadores. Além de recrear, podem suscitar uma influência profunda para nobres ideais de vida, dar noções preciosas, ministrar amplos conhecimentos sobre a história e as belezas do próprio país, apresentar a verdade e a virtude sob o aspecto atraente, criar e favorecer entre as diversas classes de uma cidade, entre as raças e as famílias, o recíproco conhecimento e amor, abraçar a causa da justiça, atrair todos à virtude e coadjuvar na constituição nova e mais justa da sociedade humana”. E Pio XII numa alocução dirigida aos cineastas, reunidos em Roma no dia 28.10.1955, dá resposta a esta pergunta: “... Nos filmes de ação é permitido tomar como matéria argumentos religiosos? Responde-se que — fala o Santo Padre — não se vê por que motivo tais argumentos haveriam em absoluto, e sobretudo eles, de ser excluídos, tanto mais que a experiência já deu bons resultados em filmes de conteúdo exclusivamente religioso. Mas, ainda quando o argumento não é expressamente religioso — continua Pio XII — o filme ideal de ação não deveria ignorar o elemento religioso. Foi notado de fato, que, mesmo filmes

moralmente irrepreensíveis podem vir a ser prejudiciais espiritualmente, se apresentam ao espectador um mundo em que não se faz nenhuma alusão a Deus nem aos homens que nele crêem e o adoram, e descrevem, pelo contrário, um mundo em que as pessoas vivem e morrem como se Deus não existisse”.

VEÍCULO DE IDÉIAS E DE EMOÇÕES (1, 5, 9)

O Cinema nos fala uma linguagem plástica muito mais universal e persuasiva que a linguagem literária. Mais universal no sentido de que é mais facilmente apreendida, pelo menos na sua significação óbvia, por qualquer homem em qualquer parte do globo. Mais persuasiva, enquanto por sua evidência objetiva e capacidade de sugestão se impõe ao espectador, a cuja alma comunica idéias e vivências — a própria emoção estética de quem realiza a película.

Sabemos que é graças ao caráter intramundano do intelecto humano, por sua estreita dependência dos sentidos — mórmente da fantasia e dos órgãos da visão — que a tela goza de uma força persuasiva “sui generis”. Assim é que, enquanto os termos da linguagem literária (palavra oral ou escrita) apenas exprimem de modo abstrato o conceito da coisa, os termos da linguagem cinematográfica (imagens animadas) são a representação concreta, uma visualização do mesmo objeto. O filme guarda as imagens tais como se imprimem na retina dos nossos olhos. E as “imagens impressas” recebidas pelo filme-virgem na câmara de tomadas não perdem nada da sua capacidade de representação da realidade. Pelo contrário, as mesmas imagens ganham em poder criativo, uma vez que na montagem do filme o diretor pode organizá-las em diversas “suposições”, isto é, pode reformular à vontade a primitiva correlação existente entre elas. É certo que se trata nessa operação de uma síntese que põe em jogo os melhores dotes artísticos de quem a faz. Pode ser um aperfeiçoamento ou uma mutilação da planificação anterior, prevista no roteiro técnico. Dêsse modo, na hipótese de uma montagem inteligente, o diretor lhes comunica (às imagens) uma nova forma (no sentido aristotélico), por assim dizer, uma nova “quididade”, uma nova essência inteligível — um conteúdo ideológico e uma carga afetiva. São projetadas depois na tela como mensageiros de um tema preconcebido, e, apesar de sua opacidade aparente, são um autêntico veículo do pensamento, um suporte de tremendas cargas emotivas.

As imagens cinematográficas podem ser portadoras de uma mensagem imaterial que lhes confere uma dimensão interior. Podem trazer consigo um vigor extraordinário, graças à inserção de valores de ordem espiritual que lhes permitem superar a intrínseca limitação da matéria. Com a “encarnação” de tais valores as imagens tornaram-se transparentes e seu âmbito intencional ganha as dimensões da forma que as anima, dotando-as assim de uma abertura para o alto. Lembrar, por exemplo, filmes como a “Paixão de Joana d’Arc” e “Dies Irae” de Carl Dreyer, “Les Anges du Péché”, “Diário de um Pároco de Aldeia” e “Um Condenado à Morte Escapou” de Robert Bresson, “Lourdes” de Georges Rouquier, “Deus Precisa dos Homens” de Jean Delanoy, “Romance na Itália” de Roberto Rossellini, “Fabiola” de Alessandro Blasetti, “Céu sobre o Pântano”

de Augusto Genina, "Na Estrada da Vida" de Frederico Fellini, "Rashomon" de Akira Kurosawa, "O Céu é Testemunha" de John Huston, "Ben-Hur" de William Wyler, "A Primeira Missa" de Lima Barreto... e tantos outros que seria enfadonho enumerar aqui, que puderam projetar na tela um conteúdo religioso, uma mensagem cristã, ou, pelo menos, um tema nitidamente espiritualista.

INSTRUMENTO DE PESQUISA TEOLÓGICA (7)

Estou de acordo com a opinião do redentorista francês P. Ludmann, segundo a qual o Cinema além de contribuir indiretamente para o enriquecimento teológico — ao provocar novos esforços do pensador em ordem à solução dos problemas que suscita — poderia desempenhar também o papel de instrumento adequado da investigação religiosa. O Cinema poderia contribuir para a revalorização de certas categorias importantíssimas para a teologia querigmática, mas negligenciadas durante muito tempo. Houve época em que se cultivou um tipo de teologia por demais preocupada com as argumentações arquitetadas só à base de raciocínios. Felizmente, porém, a teologia atual, maciçamente nutrida pela Sagrada Escritura e pela Liturgia, procura redescobri-los. Aqui o Cinema poderia ajudar o teólogo a precisar e restituir o justo valor a êsses dados:

POTENCIAL EVANGELIZADOR DA IMAGEM DINÂMICA (7, 10)

Apoio-me num dado da experiência: o bem imenso que fazem as catcqueses ilustradas, mesmo como projeções fixas! Sendo a linguagem cinematográfica mais existencial, mais intuitiva que dedutiva, a Sétima-Arte pode favorecer muitíssimo o progresso na fé. Por isso que, expressando-se através de imagens em movimento, pode captar sem esforço a benevolência, motivar o interesse e prender a atenção dos espectadores, enquanto se dá o desdobramento da ação até o final do "discurso fílmico". A sucessão cadenciada das imagens ou "ritmo plástico" é capaz de colocar em máxima vibração a sensibilidade do espectador ao qual comunica idéias e vivências. A tal ponto pode empolgá-lo que não raro sente a integração do seu próprio "eu" numa estrutura dramática contradistinta que ele contempla fascinado.

Por meio da imagem-símbolo e do processo dialético que se estabelece entre a tela e o espectador, o Cinema avizinha-se muito da divina pedagogia da santa Igreja com seus ritos e cerimônias litúrgicas. É claro que ele não tem, nem pretende ter a eficácia própria e exclusiva das ações sacramentais. Mas a Liturgia e o Cinema convêm nisto: ambos se servem de objetos, fórmulas e ações para exprimir uma realidade inefável, ou, pelo menos, parcialmente inadequável ao meio de expressão das demais artes. A linguagem plástica da tela aproxima-se também do modo de falar dos autores inspirados da Bíblia, os quais frequentemente apelam para as parábolas, para o vigor dos símbolos e das figuras mais arrojadas, para as imagens mais expressivas da forma literária.

É verdade que a História eclesiástica registra a influência magnífica exer-

cida neste sentido pelos mosaicos bizantinos, pelo vitrais de amplas sínteses, pelas estátuas góticas que “encarnavam” a teologia bem humana da Idade-Média. E a investigação racional dos teólogos tem encontrado através dos tempos as mais belas ressonâncias no domínio de todas as artes. A Sétima-Arte, porém, amplia consideravelmente os seus horizontes. Por isso que o Cinema, sem excluir a nenhuma, antes, servindo-se de todas, supera com seus fabulosos recursos, qualquer das seis belas-artes (divididas segundo o esquema clássico em plásticas e fonéticas). Aliás, é dentro da ótica medieval que concebemos melhor as possibilidades de evangelização através da tela. A Idade-Média considerava as belas-artes como um louvor a Deus, e, antes de mais, como uma forma de magistério. Émile Mâle chega a dizer que “os simples, os ignorantes, todos aqueles que eram chamados o povo santo de Deus, aprendiam com os olhos quase tudo o que sabiam de sua fé. Graças à arte, as mais altas concepções da Teologia e da ciência chegavam, embora confusamente, até às inteligências mais humildes” (*L'Art religieux du XIII en France, Introd.*).

Compreende-se. “que nem todo o fato ou fenômeno religioso se pode transferir para a tela — Pio XII mesmo o reconhece na sua última alocução aos cineastas — ou pela intrínseca impossibilidade de o apresentar em cena, ou porque se opõem à piedade e ao respeito”. Restrição que, por sinal, não é privilégio do Cinema. Nem ignoro que a rigor a verdade religiosa só pode ser adequadamente compreendida pela fé. Mas a expressão cinematográfica não pretende ser aqui mais do que uma forma subsidiária da propaganda evangélica. Contribuição preciosa que o ministro da palavra de Deus nunca deveria desprezar. Tanto mais que sabe que sua ação pessoal na pregação de viva voz é insubstituível.

Quando outrora os exploradores descobriam uma nova terra, os missionários os acompanhavam, solicitados pelo campo apostólico que o Senhor da messe lhes queria franquear. Hoje que o século XX descobriu esse novo e potentíssimo meio de expressão, a Igreja não deve, não pode, e efetivamente não quer negligenciar a promoção da mensagem evangélica através da cultura cinematográfica. Constitui um setor-chave da civilização que se começa a esboçar! Pio XII na conclusão da “*Miranda prorsus*” assim se expressa: Não duvidamos, portanto, confiados como estamos na vitória da causa de Deus, que as Nossas presentes disposições, cuja fiel execução confiamos à Comissão Pontifícia do Cinema, Rádio e Televisão, hão de vir a despertar espírito novo de apostolado em campo tão rico de promessas”.

O CINEMA É TAMBÉM UMA CÁTEDRA POPULAR DE ONDE SE PODE PREGAR O EVANGELHO (2, 3, 6, 7, 9, 10)

À primeira vista — diz o referido P. Ludmann — a idéia de utilizar o Cinema para fazer conhecer a Deus, pode provocar a indignação de alguns e o sorriso indulgente de outros, cuja ignorância da Sétima-Arte não lhes permite sequer vislumbrar a ambivalência do tremendo poder da tela. Que tanto pode ser empregado para o mal como para o bem. São ainda daquele ilustre reden-

torista as três seguintes observações: a) A Cultura ocidental demasiado abstrata tem atrofiado e inutilizado certas capacidades do nosso espírito. E isto explica que existam ainda muitos homens cultos para os quais o simbolismo e o ritmo cinematográfico é algo desconcertante. b) Certa teologia também demasiado presa ao raciocínio e à dedução tem persuadido a muitos ocidentais que o dogma não se enquadra senão dentro de uma estrutura lógica estritamente racional. Este preconceito lhes inspira um medo quase instintivo aos sentidos e à emoção estética. c) Finalmente, uma posição por demais rígida pode querer ver na cultura audiovisual uma ameaça a todo método racional.

Como quer que seja, não nos encontramos diante de uma alternativa, mas de uma nova dimensão do saber. Não de uma opção radical, mas de um novo fator de equilíbrio, que só pode favorecer o desenvolvimento harmonioso de todas as nossas faculdades.

Se o Cinema fôsse só uma diversão, os cuidados da pastoral deveriam ser orientados quase que exclusivamente para a censura, a cotação moral e de modo positivo para a criação de novos salões paroquiais. Mas, uma vez que o Cinema é também instrumento de cultura, essa ação pastoral deve ser amplamente completada. Tanto mais que ele se adapta de forma admirável à psicologia das multidões, "não havendo hoje um meio mais poderoso para exercer influências sobre as massas" (Enc. "Vigilanti Cura"). Afirmção que o mesmo Papa Pio XI justifica de modo clarividente quando diz que "a cinematografia é realmente para a maioria dos homens uma lição de coisas que instrui mais eficazmente no bem e no mal, do que o raciocínio abstrato. É, pois, necessário que o Cinema, erguendo-se ao nível da consciência cristã, sirva à difusão dos seus ideais e deixe de ser um meio de depravação e desmoralização" (Ibid.).

O Cinema vem avassalando todas as camadas da sociedade contemporânea a tal ponto que um sociólogo italiano (citado por Charles Flory, *Compte rendu des Semaines Sociales a Nancy*, 1955) pôde afirmar que 90% dos conhecimentos de um operário ou de um homem do campo provém dos filmes que viu. Nossa geração assiste ao nascimento de um mundo novo, no qual as técnicas áudio-visivas assumem de dia para dia um papel mais decisivo na formação da opinião pública. E, por conseguinte, no destino político dos povos.

Destarte, nossa confiança no êxito de um trabalho de evangelização através da tela sobe de ponto logo que percebemos que o Cinema fala uma linguagem singularmente adaptada ao dinamismo e à mentalidade mesma dos dias que correm... O Cinema é o mais possante "alto-falante" que, amplificando ao máximo a voz do pregador, não o dispensa. Mas lhe permite de certo modo "gritar o Evangelho (em imagens!) por cima dos telhados" (Mt 10, 27), levando a mensagem da salvação às multidões e a todas as ovelhas desgarradas ali mesmo onde se encontram.

Colocada assim nesta perspectiva universalista, a Sétima-Arte converte-se aos nossos olhos num meio de expressão autenticamente católico. E, como "tudo o que une os homens concorre para a redenção" (Card Suhard), isso já nos revela também o lugar de destaque reservado ao Cinema entre os modernos instrumentos de aproximação a serem mobilizados pelo movimento ecumênico.

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

- 1) AGEL, Henri "Le Cinéma a-t-il une âme?" Paris 1950; "Néant spirituel du Cinéma français?" art. na rev. ÉTUDES, avril 1960; "Grandeur et limites du Cinéma soviétique" art. na rev. ÉTUDES, novembre 1960.
- 2) AGEL-AYFRE "Le Cinéma et le Sacré" Paris 1953:
- 3) AYFRE, Amédée (P.S.S.) "Dieu au Cinéma" Paris; "O Cinema e o Sagrado" art. na rev. FILME (Lisboa) setembro 1960.
- 4) BARAGLI, Enrico (S.J.) "Strumenti audiovisivi e strutture ecclesiastiche" art. na rev. LA CIVILTÀ CATTOLICA, 11.4.1959; "Morale e censura nel cinema americano" art. na rev. LA CIVILTÀ CATTOLICA, 3.12.1960.
- 5) BEGOÑA, Mauricio de (O.F.M. Cap.) "Elementos de Filmologia — teoría del cine" Madrid 1953.
- 6) JOÃO XXIII Motu proprio "Boní Pastoris", 22.2.1959.
- 7) LUDMANN, René (C.SS.R) "Cinéma, Foi et Morale" Paris 1956.
- 8) MEKAS, Jonas "Cinema of the new generation" na rev. FILME CULTURE (N.Y.) n. 21 Summer 1960.
- 9) PIO XI Enc. "Vigilanti Cura" 29.6.1936 (Ed. Vozes n. 6).
- 10) PIO XII Alocuções aos cineastas, nos dias 21.6 e 28.10.1955 (Ed. Vozes n. 114); Enc. "Miranda Prorsus" 8.9.1957 (Ed. Vozes n. 123).

ANUARIO DOS RELIGIOSOS DO BRASIL — 1958

- Em dois volumes, com 1.200 páginas.
- Excelente apresentação gráfica. Impresso no Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Relação completa de todas as obras que os religiosos e as religiões mantêm no Brasil.
- Relação nominal dos Sacerdotes religiosos e dos Irmãos das Congregações não clericais, com indicação da data de nascimento, ordenação ou profissão, nacionalidade, província religiosa.
- Relação das cidades do Brasil, com indicação da população, Estado e Diocese em que se encontram, e especificação detalhada das casas religiosas existentes.
- Como encartes, no 2.º volume se encontram os Sumários gerais e o Mapa Eclesiástico do Brasil.

A venda na
Conferência dos Religiosos do Brasil - Rio
 Cr\$: Cr\$ 920,00

O SABER E A CULTURA

Irmão José Otão F.M.S.

1 — A estranha complexidade que caracteriza o homem fez com que os antigos o denominassem um micro-cosmo. E ele é de fato um pequeno mundo, pois, reúne em si tudo quanto os seres inferiores possuem e, além disso, é iluminado diria melhor, informado, por algo que lhe dá poder e superioridade sobre todo o real existente no universo.

“O homem participa um pouco de todas as criaturas”, dizia S. Gregório. O ser lhe é comum com as plantas, a vida com as árvores, a sensibilidade com os animais e, com os anjos, a inteligência.

Traz ainda o homem inata uma tendência forte para a curiosidade e o conhecimento.

Sêneca já o havia assinalado quando escreveu: “Curiosum nobis, natura ingenium dedit”.

São os impulsos emotivos que o ser humano experimenta em face das realidades, especialmente das que contrastam com as habituais, que geram a admiração ou o espanto, causa e fundamento primário de toda a inclinação cognoscitiva natural ao saber.

Não é só a matéria que conhece, nem é só o espírito. É o homem todo, ou melhor, o espírito através da matéria.

Primeiro pelos sentidos, pela inteligência depois, consegue o homem reproduzir em si mesmo tudo quanto existe. Esta operação, fundamental para o conhecimento, consiste numa representação interior, sensível ou intelectual.

“Pode o ser humano, afirma Sertillanges, pretender criar em si uma representação do universo, o qual será um como novo universo, um duplicado do outro, o que permitirá ao homem, tão limitado no espaço e no tempo, habitá-lo em todas as dimensões (As grandes teses da filosofia tomista).

É esta atividade humana, única no gênero, que gera o conhecimento, fonte do saber.

Os filósofos demoraram-se em examinar as possibilidades, a existência e a natureza desta singular operação humana, aliás, também verificada nos

brutos no campo puramente sensível.

Uns lhe negam a possibilidade. Outros, a accitam; porém lhe dão um conteúdo limitado. Outros ainda, exageram a capacidade cognoscitiva do homem.

Não é escopo nosso repisar aqui as discussões dos pensadores, mas tão somente, adotando uma das teorias, a que mais parece concordar com os fatos, a teoria aristotélico-tomista, examinar a realidade do conhecimento e do saber, a magnificência do seu conteúdo e o esplendor da sua plenitude quando completado pela cultura.

Sem repetir as interessantes observações de Max Scheler em sua conferência sobre "O saber e a Cultura" (Revista do Ocidente), partindo das formas mais simples do conhecimento, procuraremos assinalar as etapas progressivas da sua atualização até a obtenção do saber e da cultura.

Partindo da realidade concreta, partindo do ser, levantaremos aos poucos a pirâmide do saber.

2 — Três são as portas pelas quais se estabelecem as relações entre o eu humano cognoscente e o não eu, entre o mundo subjetivo e o objetivo: a sensibilidade, a inteligência e a vontade.

São as três funções da psiquê manifestadas através do corpo.

Pela sensibilidade, recebe o homem as impressões do mundo exterior, do mundo material circunjacente. Sem perder sua individualidade e sem absorver o ser, une-se a ele, guardando algo, a "imagem", o que gera uma forma elementar de conhecimento, mas efetiva e real.

A multiplicação interminável dessas operações cuja variação está na razão direta dos objetos conhecidos ou dos conteúdos gerados, é a fonte primeira de imensa satisfação para o homem, pois, determina a primeira e a mais elementar apreensão da realidade, a sensível.

Captada a realidade cósmica através dos sentidos, penetra-lhe na intimidade, abstraindo, pela inteligência, as particularidades próprias ou os acidentes do ser individual. Alcança-lhe a essência, forma-o em si, concebe-o a seu modo, dizendo-se a si mesma o que a coisa é.

E' a inteligência a abstrair o inteligível a partir das coisas sensíveis. Esta operação, de extraordinária importância, permite-lhe completar a obra dos sentidos que era a apreensão do ser particular, individual, concreto, do ser "hinc et nunc". Permite-lhe alcançar e representar no espírito o ser em sua totalidade essencial.

O conhecimento sensível do mundo corpóreo, base do intelectual, possibilita ao homem a representação interna de todo o real. E quando essa cognição, essa representação interna corresponde adequadamente à realidade, está a inteligência de posse da verdade.

O objeto da inteligência é o ser, o conhecimento do ser, a posse do ser, a verdade do ser. E' precisamente esta verdade, resultado do conhecimento, o escopo e o alimento da inteligência. Quanto mais trabalhada e quanto mais nutrida de verdade ôntica, tanto mais a inteligência realiza a sua finalidade.

Pela vontade, finalmente, o homem reage às solicitações que lhe dirigem os objetos conhecidos e apresentados pela inteligência.

Êstes objetos aparecem a ela como bens capazes de satisfazê-la. Bens limitados, bens finitos e transitórios.

Quanto mais e melhor conhece tais bens tanto mais acentuadamente tende para êles.

É da própria natureza da vontade o tender para o bem que a inteligência lhe apresenta, embora essa tendência não seja necessitante.

3 — Por meio destas três portas o psiquismo humano realiza sua incursão no campo do real objetivo. A realidade cósmica, todavia, permaneceria incognoscível se o homem pretendesse apreendê-la de uma só vez em sua forma ou aspecto total.

“L'intellect humain ne saisit le réel qu'en l'émettant en une pluralité d'objets de pensées” diz Bergson. Daí a fragmentação do real, a divisão do mundo da matéria em outras tantas parcelas, determinando o surgimento de ramos especiais do conhecimento, correspondentes cada um às ciências particulares.

Mas não foi logo o conhecimento científico o primeiro resultado do esforço cognoscitivo. Foi o conhecimento ou saber empírico.

Tangido pelo ângulo do interêsse imediato e utilitário, êste é um saber particular, desordenado e confuso, saber subjetivo e de simples opinião. Numa segunda etapa, seguiu-se a êle o conhecimento científico, baseado no determinismo da natureza. Objetivo na sua base, procura para cada setor da realidade, um conjunto de verdades metódicamente adquiridas e sistematicamente ordenadas.

As verdades não são mais individuais, contingentes, como no conhecimento empírico; mas, gerais e necessárias, pois, como ensinou Sócrates, “só há ciência do geral”.

As diversas ciências particulares foram surgindo, foram se separando umas das outras como, numa nebulosa, as estrêlas; após acuradas observações, foram se delineando e corporificando.

E a velha filosofia, a primeira das ciências, postergada por muitos na fase crescente da experimentação científica, deixou de ser para muitos a “scientia reatrix”, deixou de apontar aos homens o rumo da vida, daí resultando o caos hodierno, tão bem caracterizado por Chesterton quando afirmou que “o homem moderno perdeu o seu enderêço”.

A ânsia do homem para o saber o levou a esfacelar a realidade a fim de apreendê-la na sua totalidade. O saber universal, absorvido integralmente por espíritos privilegiados nas priscas eras da humanidade, já não pode ser objeto de cogitação individual por causa da extensão e complexidade do conteúdo que hoje representa.

Nunca o homem se voltou tanto para fora de si mesmo, como hoje, a fim de observar e estudar a realidade, procurar-lhe os segredos íntimos, auscultar-lhe e assinalar-lhe as leis que a regulam. E nunca o homem se sentiu mais pobre na interpretação do universo. Para realizar mais plenamente esta tarefa, o saber se auxilia da técnica, se auxilia de mecanismos forjados pelo próprio homem, para com êles melhor vencer e jugular a realidade cósmica.

Daí prevalecer em nossos dias a fome de tecnologia, diria melhor, a loucura pela tecnologia. A especulação racional, fonte geradora do saber, está em parte postergada pela preocupação técnica. As escolas passam a repartir suas atividades entre a transmissão do saber e a sua renovação, empregando em forma crescente, para este fim, os recursos da própria técnica.

Está fora de dúvida que a técnica, impelindo o homem para a especialidade facilmente o subtrai de uma visualização total do mundo. Deste modo, o homem de hoje, embora mais conhecedor dos mistérios da matéria, embora cientista, pesquisador ou técnico, em vez de aproximar-se de uma explicação satisfatória da realidade, por ter perdido a visão de sua própria posição no plano do mundo, levanta para si mesmo novos problemas, novas interrogações que lhe marcam a existência com a sombra da amargura. É que falta ao homem moderno uma visão mais completa do cosmos.

Conhecendo e dominando o mundo da matéria, perde o conhecimento e o domínio de si mesmo. Falta ao homem moderno a cultura.

4 — De fato, o saber e a técnica geraram a civilização material moderna, soberba e impressionante, mas temível e avassaladora, pois, prende o homem ao terra-a-terra cotidiano, impedindo-o de levantar vôo um pouco mais alto para regiões mais puras e mais tranquilas.

A pirâmide do saber científico já tão elevada, compreendendo a multimoda variedade de ciências, necessita de um degrau a mais para a sua últimação, necessita do saber filosófico sem o qual nunca será completa a obra cultural.

É preciso, pois, que o homem não pare nos limites do saber, mas demande com sofreguidão às lindes da cultura.

Assim como o conhecimento dos fatos que se desenrolam no tempo e no espaço não significam ainda o saber científico, pois, este exige a formulação das teorias que os explicam e a descoberta das leis que os regulam, assim também os diversos "saberes" resultantes do esforço intelectual humano, necessitam de unificação ou visualização conjunta.

Nenhum saber mais do que o filosófico reúne em si a possibilidade de fornecer ao homem uma visão unificadora do orbe. Por isso, nenhum saber é mais necessário para se poder atingir a cultura verdadeira. Por isso também, a formação geral do homem nas escolas do mundo inteiro é sempre completada por estudos filosóficos mais ou menos longos.

A cultura é uma visão equilibrada do mundo, uma "weltanschaung" autêntica, clara e luminosa. "A cultura dá ao homem a compreensão do sentido da vida, diz Rintelen; ao lado dos conhecimentos das coisas, faz-lhe compreender o "porquê", da existência. Não é um sonho individual; mas, a cristalização das aspirações da própria humanidade".

"Cultura é humanização, diz Max Scheler; é o processo que nos faz homens".

"A cultura permite ao homem dar às coisas o verdadeiro nome e apreciá-las segundo uma escala de valores.

"A cultura afirma Ortega y Gasset, é o sistema vital de idéias em cada

tempo". Quanto mais puro, mais elevado, mais primorosa a cultura.

A cultura é especialmente o aperfeiçoamento do homem em seu ser total, culminando na vida do espírito, compreendendo por isso mesmo um elemento intelectual (conhecimento) e um elemento moral (ação). Por isso, pouco vale a ciência, e a fortiori a cultura, se não se converte em consciência.

De fato, o homem culto não pode deixar de registrar entre seus conhecimentos a compreensão relativa à sua origem, sua essência e seu destino e, como consequência, não pode deixar de empregar os meios adequados à realização da finalidade de sua existência, que é a perfeição do seu ser. Na demanda desta perfeição deve o homem tender continuamente como a curva tende para a sua assíntota.

A cultura é, para o homem, um instrumento universal, pois lhe fornece recursos para julgar as coisas, apreciar-lhes o valor, distinguir a verdade do erro, o justo do injusto, o essencial do accidental, o permanente do passageiro, o eterno do efêmero.

Se a erudição é a assimilação do pensamento dos outros, a cultura é a realização de um pensamento próprio, pessoal, autônomo. Por isso afirmou Say: "Entre um pensador e um erudito existe a mesma diferença que entre um livro e um índice de matérias" ("Quelques aperçus des hommes et de la société", J. B. Say).

A cultura é o fruto da maturação intelectual, uma verdadeira especialização do saber.

Mas, a cultura assim entendida, apesar de seu brilho e ressonância, é apenas o cultivo do homem naturalmente considerado. Grécia e Roma pagãs também idealizaram e realizaram esta cultura que é símbolo de perfeição humana.

E' esta cultura que gera e produz o humanismo tão decantado em nossos dias.

E, no entanto, apesar de completo o edifício do saber, apesar de acabada a pirâmide da cultura, construída com os materiais da ciência, da arte e da técnica e iluminada pelos fulgores da filosofia, assim mesmo, a pirâmide cuja base assenta na terra e tem seu vértice no universo material, representa apenas uma obra humana, um esforço humano, uma atualização de potencialidades naturais humanas.

E' uma glória, é um triunfo, mas de duração limitada ao horizonte da temporalidade.

5 — Toda aspiração esta a de tender à mais alta cultura. E' aspiração sumamente enobrecedora do homem. Infelizmente, porém, dentro de uma concepção mais completa e acabada do mundo, dentro da concepção cristã, não passa de uma concepção limitada, mutilada mesmo, porque antropocêntrica. Se para os pagãos das recuadas épocas do apogeu do pensamento greco-romano era impossível uma aspiração mais elevada, o mesmo não podemos afirmar da humanidade após o recebimento da Boa Nova do Evangelho de Cristo.

De fato, depois que o mundo recebeu a visita "d'Aquêle que era o desejado das nações", a cultura já não pode mais prescindir da riqueza dos seus

ensinamentos e também da vida espiritual que Ele veio trazer à terra.

Todo o imenso edifício do saber científico e filosófico, toda a magnífica construção dos conhecimentos humanos iluminada muito embora pelo esplendor de uma genuína cultura, torna-se pálido clarão ao lado da luz poderosa da palavra do Mestre e do esplendor da graça divina trazida às almas, mediante a qual a magnífica pirâmide do saber não só é vivificada mas transfigurada, pois que, desprendendo-se da intranquilha situação existencial terrena, lança as amarras no supra sensível, no eterno, satisfazendo antecipadamente desde o momento fugidio que vive as aspirações profundas de uma permanência imorredoura.

A graça divina é vida e começo da vida que não tem fim. "Gratia, inchoatio aeternitatis".

Assim como o saber conduz à técnica como forma da própria fixação e aperfeiçoamento, assim a cultura cristã, completando a genuína cultura humana, leva ao homem a vida espiritual, aquela vida que dá ao ser princípios de eternidade, a vida que deflui d'Aquêlc que disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida...".

Pode haver um humanismo sem a vida espiritual, a vida da graça; mas, não há, não pode haver "humanismo integral" sem a infusão desta nova vida que se perpetua no além, porque nasce da própria divindade.

Ao "homem cristão" não basta, pois, só realizar a cultura dentro de um prisma humano, o que já não seria pouco; necessita aspirar à cultura plena, à "sabedoria", dentro de uma cosmovisão cristã.

Por isso, as almas iluminadas e purificadas pela vida da graça representam a floração genuína do único "humanismo integral" possível no clima de Redenção em que vivemos, humanismo que só pode ser teocêntrico, pois, só assim é respeitada em todo sentido a escala dos valores da verdadeira sabedoria.

Foi precisamente a ruptura dessa visão unitária e teocêntrica do mundo o fruto do renascimento o qual veio acompanhado, de imediato, da separação entre os homens, não só pelas divisões políticas mas sobretudo pelo desentendimento filosófico e espiritual.

Infelizmente a marcha do mundo moderno, eivado de idéias e concepções materialistas, longe de facilitar a elevação da humanidade e levá-la a colaborar para a realização do ideal comum, longe de conduzi-la à plenitude de uma cultura cristã autêntica, continua a separar e a dividir os homens, impedindo que se estabeleça na terra o império da paz, da concórdia e da compreensão mútua, fruto do "amai-vos uns aos outros" e condição de uma cultura humana genuína e integral.

E' a este estado de coisas que denominamos de "crise da cultura contemporânea", com reflexos desastrosos em todos os setores da atividade e da vida social.

Assim mesmo, apesar das forças em contrário, confiamos no poder dos elevados ideais acenados pela cultura autêntica, a cultura que, partindo da atualização de todas as potencialidades humanas, com o auxílio da graça divina "que supõe mas não destrói a natureza", culmina na perfeição espiritual do ser, aspiração suprema da alma humana.

A OBRA PONTIFÍCIA DA SANTA INFÂNCIA E OS INSTITUTOS RELIGIOSOS

*Pe. Paulo van de Zandt C.S.Sp.
Diretor Nacional da O.P.S.I.*

Quando um dos nossos Srs. Arcebispos ou Bispos nos convida para introduzir em sua circunscrição a Obra Pontifícia Missionária da Santa Infância, ao convite se junta invariavelmente a proposta de comparecermos a uma reunião de Clero e a uma outra de Religiosas, com o fim de expor a natureza desta Obra. Parece que o assunto não estaria fora do interesse dos Religiosos e, portanto, do propósito desta Revista da CRB.

ESTADOS DE PERFEIÇÃO E AS MISSÕES

Devemos certamente convir em que tôdas as Ordens e Congregações têm como fim proporcionar aos seus membros meios eficazes de perfeição cristã, servindo-se dos gerais na vida da Igreja e dos particulares no seio da família religiosa. Interessante, porém, é notar que esta vida de perfeição de cada membro tem sempre um sentido muito além do estritamente pessoal: enquadra-se na vida geral da Igreja e se liga às suas necessidades por liames de caridade e apostolado. A contemplativa no seu claustro, o religioso imobilizado em seu leito por doença, uma e outro não são menos células ativas do corpo da Igreja, não são menos membros com que a sua parte restante conta, do que qualquer Padre, Irmão ou Irmã mergulhado numa vida ativa de caridade ou de trabalhos apostólicos.

Parece verdade certíssima. Mas, nunca em minha vida estranhei tanto como desta vez. Após um estágio em mestre de noviços, fui nomeado capelão e diretor espiritual dum convento de contemplativas, uma congregação nova, ainda em formação. Pois, nem sequer fui recebido pela superiora que, ao saber que eu pertencia a uma congregação missionária, ficou em prantos dia e noite: nada poderia desviar mais sua congregação contemplativa!

Ora, isso não me impediu, quando fui nomeado diretor nacional da Santa Infância, que fôsse logo visitar um convento de Carmelitas com o fim de pedir orações da comunidade para o bom êxito dos trabalhos. Se é que, por tôda a parte no Brasil, há já notável florescimento na expansão que tomou a Obra, isso, em boa percentagem, a tais orações deve ser atribuído.

Com esta digressão não estou longe do assunto: Institutos religiosos e Santa Infância. É obra da Igreja universal, e tão intimamente ligada à missão essencial do Corpo Místico que, com sua natureza e atividades, não irá fora do possível interesse e cooperação de qualquer Ordem ou Congregação. Ela pode ter um Padre Beneditino, como Secretário Geral e Diretor de sua revista, como já foi o caso aqui no Brasil com o benemérito Dom Plácido Guimarães de Oliveira, do Mosteiro do Rio de Janeiro.

Quem conhece bem a natureza e as atividades da Santa Infância poderá compreender por que deposita a Obra particular esperança na colaboração dos membros dos nossos Institutos Religiosos.

OBRA DE EDUCAÇÃO MISSIONÁRIA

Falando-se de "Missões", logo se evoca o pensamento correlativo de "Movimento de dinheiro". Posso afirmar que há coisas mais simpáticas e mais importantes no movimento que promove a Santa Infância. Todos os últimos Papas, desde Leão XIII, exprimiram como seu formal desejo é de que todas as crianças católicas sejam arregimentadas em todas as dioceses, paróquias, escolas e institutos de educação do mundo inteiro, como membros da Santa Infância. Os dois últimos constituíram-se pessoalmente como Protetores da Obra, caso único. A notável relevância que tal Obra recebe assim da parte da Santa Sé só se explica por um interesse de ordem superior.

De fato, é convicção geral que nenhuma criança se prepara de modo eficiente para a vida sem escola, e que a vida católica, sem a instrução catequética, fica desprovida de conteúdo e de direção certa. Deveres, aproveitamento e possibilidades de atividade de suma importância, podem ficar esquecidos por falta de instrução e de treino educativo. Um país sem indústria suficientemente organizada apresenta grave falta nas suas condições de vida: deve providenciar recursos, mas, antes de tudo, deve prover, além das escolas comuns, ao ensino profissional especializado. A Igreja católica, universal, está (perdoem-me a expressão) sem indústria de produção sobrenatural suficiente em mais de 700 missões, entre um bilhão e meio de pagãos, povo de número tremendo, como nenhum país tem dentro dos seus limites, povo desprovido espiritualmente de tal maneira que não tem comparação com qualquer miséria e indigência material.

Precisa a Igreja de recursos para missionar o mundo? Claro está que precisa. Mas, antes de mais, ela precisa, além do ensino comum sobre os mistérios da religião, é dum ensino especializado e dum treino educativo, induzindo a uma participação geral dos seus filhos na ação missionária.

Um país possui o seu ministério de educação para criar escolas, promover métodos eficientes, formar e nomear professores. A Igreja, mestra da Verdade, tem a sua Congregação da Propagação da Fé para promover tudo o que é atinente às Missões. Tem, ademais, um departamento especial na Obra da Santa Infância para prover ao ensino e educação missionária entre todas as crianças de idade escolar. A Igreja quer a "matrículação" de todas elas

nesta escola: como "alunos" seus, devem receber treino "contínuo" para nelas se formar o espírito missionário.

PARA EDUCAÇÃO PRECISA-SE DE EDUCADORES

Quando o Papa tanto insiste em ver as crianças "membros" da Santa Infância e quando, por razões tão graves, êle quer para elas a educação missionária, deve a Obra poder contar com a compreensão e até com o zelo de todos os que melhor possam orientar neste rumo. Não há dúvida de que, neste caso, cabe lugar de destaque às corporações religiosas que, de qualquer maneira, se ocupem com a educação, quer no catecismo ou nas associações religiosas infantis, quer nas escolas, nos colégios ou orfanatos.

Felizmente contamos já muitos Padres congregados entre nossos diretores. Fizemos um apêlo às Madres Superiores Gerais e Provinciais, o qual não deixou de ser correspondido com bastantes respostas, vivamente interessadas, e nomeações de zeladoras ou diretoras locais. Também sem intervenção, vindo assim de cima, e até sem que em sua circunscrição eclesiástica esteja a Obra organizada, encontramos a cooperação de colégios e institutos de educação, dirigidos por religiosas, que formam já nessa região um magnífico exemplo de zelo em prol da mesma Obra.

Queira Deus que êste fogo do Espírito Santo faça arder muito mais outros corações. Sabemos que não faltam objeções e dificuldades. Mas vontade positiva e zelo verdadeiro pelo Reino de Deus sabem também o que fazer diante disso. Na prática, a Obra se revela como uma das que mais satisfação oferece a seus organizadores. Os exemplos já existentes convencerão muito mais do que refutações e arguições racionadas. Peçam informações ao nosso Secretariado Nacional, rua Almirante Alexandrino, 745 — Santa Tereza — Rio de Janeiro (GB).

A OBRA É SEMENTEIRA DE VOCAÇÕES

No decurso de mais de cem anos de existência da Santa Infância, notou-se a particularidade de que, em todos os países, deu ela origem a numerosas e notáveis vocações. Seria interessante até saber quantos Padres, Irmãos e Irmãs, principalmente entre aquêles que nos vieram do exterior para o Brasil, atribuem com gratidão a idéia de sua vocação à participação ativa na Santa Infância.

Estranho não é. Um membro, que trabalhe na Santa Infância, sente perfeitamente que isso não se trata de "hobby", de gostoso passatempo. Adquire a convicção de que satisfaz a desejos ardentes do bom Jesus, os quais adivinha bem maiores do que aquêles que poderia satisfazer por seu pequeno zelo. Dali, encontra a graça trampolim bem adequado para levar a alma ao alto e a uma vocação definitiva, que pode ser missionária, mas que pode igualmente tomar o rumo de qualquer vocação religiosa ou de padre secular, a ser vivida no próprio país.

É certo que as vocações podem ser "fomentadas", mas nunca se cria grande número delas no mesmo lugar sem "ambiente" propício. Existem já muitos estudos para estabelecer e verificar os meios mais eficazes, "criadores" de tal ambiente.

Ora, temos fatos-índices interessantes para este assunto. Um deles é que, nos países onde atualmente existe um número bastante admirável de vocações sacerdotais e religiosas, a maior abundância começou a afluir desde que o ideal missionário despertou entusiasmo. Quantas congregações missionárias se fundaram nestes países nos últimos cem anos? Precisamente com o crescimento cada vez maior do número e da extensão destas congregações, cresceu ali, em geral, o número de vocações: também os seminários diocesanos estão cheios. Há ainda o exemplo de congregações que cresceram consideravelmente em número desde o momento em que aceitaram um campo de apostolado nas Missões.

Daí até concluir com certeza, que foi precisamente o surto de vocações missionárias, nestes países, que sobretudo criou o "ambiente" mais favorável para o fomento de tantas vocações, quem o pode saber? Que este fator ajudou muito, pode ser mais que provável. Pois, a vocação sacerdotal ou religiosa é vocação de generosidade: desde que se abrirem diante dos olhos campos de maior generosidade e, principalmente, ao se levantarem no próprio meio exemplos vivos que mostrem o que pode resultar a doação total de uma pessoa a um grande ideal de caridade, a graça divina terá mais facilmente seu jeito de fazer apêlo eficiente em outros corações bem formados.

Para o Brasil, cujo povo é senhor duma índole generosa, que dizer? A Santa Infância, neste caso, em boa hora apareceu, como meio providencial com relação à crise de vocações. Queira Deus que o "espírito missionário" ajude também aqui eficazmente a despertar a atenção de corações generosos pelos toques vocacionais da sua solícita graça.

No intuito de ofertar às criancinhas que fazem sua primeira comunhão, um presente que lhes recordará esta data tão feliz, os Pequenos Cantores da Guanabara" acabam de gravar um 45 RP N. (Extended-Play) com músicas religiosas alusivas.

Pedimos-lhe, prezado leitor, que faça propaganda deste nosso disco, junto aos pais e parentes das crianças que irão fazer sua 1ª. Comunhão. Qualquer informação ou pedido de discos, dirijam-se aos:

"PEQUENOS CANTORES DA GUANABARA"

COLÉGIO SALESIANO

RUA LUIZ ZANCHETTA, 134 — RIACHUELO

Estado da Guanabara

—

Rio de Janeiro

BIBLIOGRAFIA VOCACIONAL MODERNA

No momento atual, em que a necessidade de um maior número de vocações se faz sentir mais intensamente e em que a propaganda para aumentar o número de sacerdotes e de religiosos se torna mais ativa, para muitos zeladores das vocações tornava-se necessária uma bibliografia vocacional que os orientasse na propaganda e na escolha dos candidatos à vida sacerdotal ou religiosa. É o que apresentamos nas páginas a seguir. Infelizmente as publicações no país são muito escassas, pelo que não foi possível apresentar uma bibliografia de livros que mais facilmente poderiam ser encontrados no comércio; recorremos portanto também a publicações em outras línguas para dar uma idéia completa e um auxílio mais amplo sobre o problema vocacional.

I — Livros mais teológicos ou históricos:

Obras coletivas:

"*Etudes sur le Sacrement de l'Ordre*", Cerf, Paris, 1957, 443 pp.

"*La Tradition Sacerdotale*", Mappus, 52, Av. Foch, le Puy, França, 1959, 316 pp.

"*Vocation Sacerdotale: Recherche Théologique*": Centre national des Vocations, 19, rue de Varenne, Paris, 7^e (1960).

Outras obras:

Robert M. Gay, "*Vocation et discernement des esprits*", mesmo editor, 1959, 255 pp.

J. Lécuyer, "*Prêtres du Christ*", Fayard, Paris, 1957, 412 pp.
Paris, 1956, édition du Cerf. 412 pp.

J. Lécuyer, "*Prêtres du Christ*", Fayard, Paris, 1957, 124 pp.

R. Carpentier, S.J.: "*Testemunhas da Cidade de Deus*", Vozes, 1958, 206 pp.

II — Textos Pontifícios:

G. Courtois "*Les Etats de Perfection*", Fleurus, Paris, 1958, 469 pp.

R. Carpentier, S.J.: "*La Vie Religieuse*", doc. de Pio XII, Bonne Presse, Paris, 1959, 315 pp.

Documentos Pontifícios: 8 (encíclica de Pio XI sobre o Sacerdócio), 63 (Exortação apostólica de Pio XII sobre a Santidade da vida sacerdotal), 25 (Encíclica de Pio XI sobre S. Francisco de Assis), 51 (Encíclica de Pio XII sobre S. Bento), 107 (Encíclica de Pio XII sobre a Virgindade); 131 (Encíclica de João XXIII sobre o Cura d'Ars) e 26 (Exortação ao clero de S. Pio X): Vozes.

III — *Livros Sociológicos:*

"*Le Problème sacerdotal en Europe*", Actes du Colloque international de Vienne, 1958, 352 pp (Vendido no: Centre national des Vocations, 19, rue de Varenne, Paris, VII^e).

"*Vocations de la Sociologie Religieuse, Sociologie des Vocations*", Castermann, Paris, 1958, 241 pp. (5^e Conférence internationale de Sociologie Religieuse).

IV — *Livros Pastorais:*

Abbé C. Poisson, "*Comment aider les Vocations*", Fides, Rua Formosa 91, S. Paulo, 95 pp.

Icílio Felici "*Segue-me*", História de um Padre (romanceada), Edições Paulinas, 1960, 206 pp.

Emvin Busuttì, S.J.: "*Trovare, esaminare, provare le vocazioni*", Ancora, Milano, 315 pp.

P. Anselmo Paribello, O.F.M.: "*L'opera delle vocazioni religiose*", Giannini, Napoli, 1956, 278 pp.

P. Joaquim Rocha, S.J.: "*O Problema da Vocação Religiosa*", Federação das Congregações Marianas, Rua S. José 90, 21.^o andar, Rio (Cp 310), 1956, 107 pp.

G. Poage, C.P. "*For more Vocations*", Bruce, Milwaukee, 1955, 202 pp. Tradução espanhola. (Tradução portuguesa no prelo, Vozes).

G. Poage, C.P. "*Recruiting for Christ*", ibidem (trad. no prelo).

G. Poage, C.P. "*Parent's Role in Vocations*", Bruce, 1959, Milwaukee (EUA).

Actas do II. Congresso Nacional das Vocações Sacerdotais (1956), 280 pp. — Secretariado Nacional das Vocações, Rua Benjamin Constant, 158, 5.^o andar, S. Paulo (C).

"*Seminários no Brasil*" (Segunda reunião de Reitores, 1954) Vozes, 1955, 254 pp.

Hermann Fischer, S.V.D., "*Mais Sacerdotes para a Salvação do Mundo*", traduzido e adaptado pelo Pe. Euler Alves Pereira, S.V.D., Editôra Lar Católico, Juiz de Fora, MG, 1950, 192 pp.

"*Rôle du Prêtre dans l'éveil des Vocations*", Cerf, Paris, 1958, 222 pp.

Paul Grieger "*Caractère et Vocation*", 1958, 177 pp. Centre National des Vocations, Paris.

"*Risquer sa vie por Dieu*", témoignages de Religieuses sur leur Vocation, 1957, 143 pp, Centre National des Vocations, Paris.

Abbé H. Berthet, "*Foyers chrétiens et Relève Sacerdotale*", Paris, 1959, Bonne Presse, 149 pp.

Abbé Gaston Courtois "*Mission de la Religieuse dans le monde d'aujourd'hui*", Paris, éditions Fleurus, 1959, 60 pp.

Frère Michel Sauvage, "*La vocation de Frère enseignant*", Centre National des Vocations, Paris, 1959, 16 pp.

- Abbé H. Micoud, *"Les chrétiens veulent-ils des prêtres"*, Centre National des Vocations, Paris. (O autor mostra como interessar pais, professores, doentes e jovens ao recrutamento).
- J. Arnaud e G. Artaud, *"Séminaires en état de Mission"*, (diário dum seminarista-missionário), 1958, 241 pp., Centre National des Vocations, Paris.
- Frei Marcelo Gomes, O.F.M., *"Aulas Vocacionais"*, 1960, 16 pp., Vozes.
- Revista eclesiástica brasileira*, 1954, índice analítico (1941-54): ver as palavras: Vocação, Seminário, Sacerdote.
- P. Jerônimo Pedreira de Castro, C. M., *"Zélia"*, Vozes, 1960, 7a. edição, 390 pp.
- Lemesle, *"Você gostaria de ser Padre?"*, Edições Paulinas.
- "Documentário Vocacional"*, Secretariado Nacional de Vocações Sacerdotais (SNVS), Rua Benjamin Constant, 158, 5.º andar, S. Paulo (Cp 4222) 1960, 112 pp. Contém uma bibliografia vocacional, pp. 69 e 71.

V — *Curso de Pastoral Vocacional por correspondência:*

Centro de informacion y propaganda vocacional.

Apartado aéreo 52-64, Bogotá DE, Colombia. (Curso do P. S. Bortoni, SJ).

VI — *Sociologia Religiosa do Brasil:*

"Estudio de las estructuras eclesísticas del Brasil", O.C.S.H.A., Madrid, Alfonso, XI, 4; 2 vol., 1960.

VII — *Leituras vocacionais para a juventude:*

P. Jesus Andrés Vela, S.J., *"Na encruzilhada"*, 1960, 76 pp. edições Loyola, Av. Contorno, 7919, Belo Horizonte, MG.

Pe. José Júlio Martínez, S.J.: *"Voluntários"*, 170 pp. 1959, ibidem.

VIII — *Institutos Seculares:*

J. Beyer, S.J., *"Les Instituts Séculiers"*, Desclée de Brouwer, 1953, 402 pp.

"Les Instituts séculiers dans l'Eglise", Paris, Bonne Presse, 1959, 125 pp.

IX — *Catequese da Vocação:*

Abbé Quinet, *"O Apêlo de Cristo aos pescadores de almas"*, (à margem do catecismo), Vozes, 1937, 144 pp.

X — *Revistas Vocacionais:*

"Vocations Sacerdotales et Religieuses", 19, rue de Varenne, Paris, VII^e.

"Seminários", Fonseca 1, Salamanca, España.

CASO XVI — COMUNHÃO E RELIGIOSA ENFERMA

Irmã Maria do Agnus Dei é uma religiosa de grande piedade, não de uma piedade superficial, planejada, mas de uma piedade sólida, de convicção.

Alguns meses faz, a célebre "asiática" também não a excluiu; foi forçada a guardar, por um considerável espaço de tempo, o seu leito de sofrimentos.

Muito amante de Jesus Eucarístico, pediu à sua Superiora para que o Padre Capelão lhe trouxesse todos os dias a Sagrada Partícula.

A Madre Superiora, depois de algum tempo de reflexão, com muita caridade e manifestando um grande zelo pela disciplina claustral, respondeu assim à Irmã Maria do Agnus Dei: "Minha filha, eu não acho muito conveniente que o sacerdote ingresse todos os dias na clausura. Tenha paciência! Jesus compreende tudo! Vá substituindo as Comunhões Eucarísticas com as Comunhões espirituais".

Pergunta-se:

- 1.. Qual a doutrina e o espírito da Santa Igreja sobre a Comunhão às Religiosas enfermas?
2. Que dizer da aspiração da Irmã Maria do Agnus Dei?
3. Que dizer do zelo e da decisão da Madre Superiora?



1. Qual a doutrina e o espírito da Santa Igreja sobre a Comunhão e as Religiosas enfermas?

A Santa Igreja — diz o Catecismo de Pio X — intérprete infalível dos desejos, das exortações, dos ensinamentos de Jesus Cristo, promove com todo zelo a Comunhão quotidiana, porque está bem cônica do espírito com que Nosso Senhor instituiu a Santíssima Eucaristia.

A Santíssima Eucaristia, de fato, foi instituída sob a forma de alimento,

criando assim uma eloqüentíssima analogia entre as necessidades corporais e as espirituais; e, mais especialmente ainda, foi instituída à maneira de alimento, a fim de significar que dêste alimento nos devemos servir não raramente, ou somente em caso de doença, como se usam os remédios, mas em cada dia, como sucede com o alimento corporal. Mais ainda, assim como nem todo o alimento é comum a todos os homens e nem todos os alimentos se tomam todos os dias, foi escolhido para matéria da Eucaristia o pão, alimento essencial da vida, alimento quotidiano de todos os homens, ricos e pobres, grandes e pequenos, para nos dizer que o Pão Eucarístico deve ser o alimento quotidiano de todos os discípulos de Jesus Cristo (Cfr. *Catecismo de Pio X*, vol. IV, p. 126).

Os Santos Padres, de comum acôrdo, recomendam vivamente a todos os fiéis a Comunhão freqüente.

O Concílio de Trento assim se exprime: “É assaz oportuno, ainda, o que aliás é estabelecido na liturgia — que o povo compareça à Santa Comunhão depois que o sacerdote tomou no altar o alimento divino e, como já dissemos, são para louvar aquêles que, assistindo à missa, recebem a hóstia consagrada no mesmo sacrifício, de modo que se verifique que todos aquêles que, participando dêste altar, hajam recebido o sacrossanto Corpo e Sangue de seu Filho, sejam cumulados de tôda graça e bênçãos celestes. Todavia, não faltam nem são raras as causas pelas quais seja distribuído o Pão Eucarístico ou antes ou depois do sacrifício e ainda que se comungue — se bem que se distribua a comunhão logo depois da do sacerdote — com hóstias consagradas em tempo anterior. Ainda nestes casos — como aliás já advertimos antes — o povo participa regularmente do Sacrifício Eucarístico e pode freqüentemente com maior facilidade aproximar-se da mesa da vida eterna”.

O Catecismo Romano admoesta os Párocos a fim de que exortem os fiéis a comungarem com freqüência.

O Código de Direito Canônico é um insigne propugnador da Comunhão freqüente e mesmo quotidiana; é o que aparece na sua legislação.

Fala o *Cânon* 862: “Exortem-se vivamente os fiéis para que freqüentemente e mesmo todos os dias, se alimentem do Pão Eucarístico...”.

Eis a doutrina e o espírito da Santa Igreja sobre a Comunhão Eucarística de seus filhos.



— Será diferente o procedimento da Madre Igreja para com os filhos e filhas, que se consagraram ao serviço de Deus? — NÃO! Mostra-se ainda mais indulgente e compreensiva.

No dia 20 de dezembro de 1905, a Sagrada Congregação do Concílio emanou um Decreto: “*Sacra Tridentina Synodus*”, no qual se prescrevia fôsse promovida a Comunhão freqüente e quotidiana, *especialmente* nos Institutos Religiosos de qualquer gênero e que se tomasse em consideração também a sorte das Religiosas enfêrmas, existentes dentro da clausura papal.

Neste mesmo decreto se declara que os confessores não afastem da Comunhão freqüente ou quotidiana quem se encontrar em estado de graça e com

reta intenção (Cfr. S.C. do Concílio, Decreto *Sacra Tridentina Synodus*, em Gasparri, *Fontes*, vol. VI, n. 4326).

No dia 6 de fevereiro de 1924 saiu uma Instrução da Sagrada Congregação dos Religiosos, aprovada e inculcada pelo Santo Padre, o Papa Pio XI: Instrução sobre a clausura das monjas de votos solenes" (Cfr. *AAS* (1924), 96ss.).

Na citada Instrução se prescreve o seguinte: "O confessor ou quem lhe faça as vêzes, pode, com as devidas cautelas, penetrar na clausura para administrar os Sacramentos às Monjas enfêrmas". Note-se que esta permissão é dada para as *monjas* de clausura, cuja legislação, como sabemos, é muito rigorosa. Com muito maior razão se deve admiti-lo para as demais Religiosas.

O Código do Direito Canônico fala muito claro sobre este ponto, sem que seja necessário apelar para a analogia com as monjas de clausura, contempladas no *cânon* 600, § 2: "Ao confessor ou a quem faz as suas vêzes é lícito com os devidos cuidados entrar na clausura para administrar os Sacramentos aos doentes ou assistir aos moribundos".

Diz o Código de Direito Canônico para os Religiosos e Religiosas em geral, *cânon* 595, § 2: "Os Superiores promovam entre os seus súbditos a Comunhão freqüente, mesmo *quotidiana*, porém, o acesso freqüente e até mesmo quotidiano a esse sacramento faculte-se livremente a todos os Religiosos bem dispostos".

Estabelecidos estes princípios ascéticos e jurídicos, passamos à resolução do nosso caso:

2. *Que dizer da aspiração da Irmã Maria do Agnus Dei de receber a Sagrada Comunhão durante a sua enfermidade?*

Aspiração justa, razoável e plenamente conforme com a doutrina e o espírito da Santa Igreja. Grande, imensa mesmo, é a solicitude da Madre Igreja para que os seus filhos, especialmente nas doenças, recebam a Comunhão, que é remédio, que é força, que é conforto.

3. *Que dizer do zelo e da decisão da Madre Superiora?*

Diante da sinceridade e da reta intenção da Irmã Maria do Agnus Dei e tendo em vistas os princípios acima elucidados, se reprova, antes de tudo, o zelo exagerado da Madre Superiora em não querer permitir na clausura um ministro de Cristo para levar às enfêrmas o alívio, proporcionado pela Divina Eucaristia.

Injusta, irrazoável foi a decisão da Madre, que se tornou culpada também diante de Deus.

Mostrar-se-ia uma boa Superiora, se não tivesse esperado que a súbdita pedisse a Comunhão, mas ela mesma lhe dissesse: "Irmã, se a sra. quiser receber Nosso Senhor Eucarístico, eu pedirei ao Padre Capelão para trazê-Lo todos os dias".

UM DECÊNIO DE VIDA BRASILEIRA DAS FILHAS DO DIVINO ZÊLO

Madre Maria Palmira Carlacci

Nos princípios de 1951 chegaram à Revma. Madre Geral das Filhas do Divino Zêlo, da parte de membros do Clero brasileiro, pedidos urgentes convidando a Congregação a levar sua obra também fora da Itália. Prova clara de o que é bom, na verdade, é ser ele sempre difusivo e incontido.

Na Itália é muito conhecida a próspera e benéfica instituição dos Orfanatos Antonianos, secundados e mantidos por dois Institutos religiosos: os Rogacionistas e as Filhas do Divino Zêlo, que surgiram na segunda metade do século XIX. Todos sabem, tendo-o aprendido pelas vozes da fama, que o piedoso fundador, Cônego Aníbal Maria Di Francia, foi homem de grande virtude, de atividade prática e genial, flor de santidade que apareceu e desabrochou no clima perfumado, ardente, da bela Sicília, aberta para acolher não só o sol cheio do céu que a torna luminosa e abrasada mesmo, mas também o sol da graça que faz brilhar e arder as almas no crisol consolador da caridade.

Diante de nosso mundo inquieto, muitas vezes pessimista, continuamente em agonia pela conquista dos bens efêmeros que apenas servem para aumentar o vácuo do coração, levanta-se gloriosa a figura do Pe. Aníbal Maria Di Francia, como um exemplo de atração. Também ele foi um inquieto, mas duma inquietude que nasce do desejo de evangelizar os irmãos, de tornar cerradas as fileiras dos apóstolos com a oração incessante do "Rogate Dominum messis", de dilatar o Reino de Deus. Otimista foi-o igualmente por causa de sua grande fé, e de sua serena confiança numa perene e providencial intervenção de Deus nas coisas humanas para dirigí-las à sua glória e ao bem da salvação. Também ele sofreu uma agonia espiritual, mas para vencer no amor o reino do mal e estabelecer, com o oferecimento de sua vida inteira, uma antecipação do paraíso, ao menos nas Casas por ele fundadas e que em pleno florescimento estão espalhadas pela Itália, Espanha, Brasil, América do Norte e longínqua Austrália.

Os bons exultaram sempre por essa notícia e quiseram beneficiar-se deste precioso meio de salvação suscitado pela bondosa providência do céu.

O ano de 1951 marcava o 1.º Centenário do nascimento do Fundador e não poderia ser festejado de modo melhor do que abrindo os horizontes in-

findos com novo apostolado. O apêlo de elementos do clero brasileiro oferecia ocasião propícia. A Madre Geral das Filhas do Divino Zêlo, tendo pedido o consentimento do Bispo de Marquês de Valença, Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Passos, para proceder à fundação de uma Casa em sua Diocese, e precisamente na cidade de Três-Rios, Estado do Rio de Janeiro, tôdas as demoras foram removidas e fixada a data de saída para o dia 1.º de junho.

As quatro Irmãs escolhidas, acompanhadas com a bênção de S. S. Pio XII de f.m., que as recebera em audiência particular, disseram um adeus ao ninho, bérço de sua vida religiosa, escola de seu apostolado, embarcando em Gênova no navio "Paulo l'oscancelli". Realizava-se assim o voto fervido do Fundador no 25.º aniversário de seu falecimento e 1.º centenário de seu nascimento.

A viagem foi feliz e o "Da mihi animas, cetera tolle" tornava-lhes a separação doce e o sacrifício agradável.

Ao entardecer do dia 18 de junho, aclamadas pelo povo e recebidas com a maior cordialidade pelas autoridades eclesiásticas e civis, faziam sua entrada na pequena casa que em Três Rios as esperava.

Os inícios se apresentavam promissores, mas não faltaram as desilusões e, conseqüentemente, as cruces que, porém, foram superadas com uma grande confiança em Deus, já que os justos nunca são abandonados por Ele. Primeiro abriram um Jardim de Infância e o Curso primário; ultimamente, depois da ampliação dos locais, providenciaram o funcionamento do Curso Ginásial. A organização escolástica interna e disciplinar demonstrou que as Filhas do Pe. Di Francia honravam sua Congregação.

Se alguma parada houve no trabalho de expansão das Filhas do Divino Zêlo no Brasil, isso deve-se à falta de braços; os operários são sempre poucos. E as boas Irmãs faziam-no entender também às meninas do Instituto quando cantavam: "Senhor, a messe é imensa, manda teus místicos operários". Nesse vasto campo trabalhavam, pois, incansavelmente as poucas Irmãs. Na verdade o Brasil não é uma terra de missão, mas a realidade é mais dura do que transpõe nas estatísticas oficiais e pouco se preocupa em respeitar o sentido das palavras.

Hoje as Filhas do Divino Zêlo educam em Três Rios cerca de 500 meninas. Visitadores ilustres, intelectuais, educadores, não deixam escapar a ocasião para uma visita ao Instituto das Filhas do Divino Zêlo, hoje também sede de noviciado.

A dez anos depois da aparição da primeira fagulha desse "zêlo" no Brasil, podemos constatar com alegria que hoje, naquelas regiões, arde uma chama cujo brilho irradia por toda parte. Outras Irmãs de ajuntaram às primeiras quatro de Três Rios, para irem acender o fogo da caridade em outros lugares, a preço de sacrifícios heróicos.

Assim, em 1956 fundam uma casa em Valença, para prestar assistência e conforto a quem, no ocaso da vida, deseja e espera que caia o véu dos olhos para ver e possuir a Deus no gáudio do céu, enquanto não descuram a instrução religiosa a muitas meninas que sonham viver os ideais puros da fé. O diário re-

gistra várias uniões legitimadas pela oportuna intervenção duma Irmã.

Em outubro de 1958 também o Rio de Janeiro confia às Filhas do Divino Zélo as tenras crianças duma creche, já que a vida moderna empregou em sua engrenagem de trabalho também os braços da mulher, que não mais pode atender com tranquilidade serena à educação e aos cuidados materiais de suas próprias criaturas. E nas mãos das religiosas êstes ternos rebentos se abrem sadios e robustos ao benéfico orvalho da graça que numa atmosfera pura faz desenvolver sua inocência preciosa e delicada. São às centenas os pequenos que, educados pelas religiosas, permanecem com elas até completarem o curso primário.

No mês de maio de 1959 outro campo de assistência acolhia de braços abertos as Irmãs do Divino Zélo: a cidade de Içara-SC, para assistência às famílias dos mineiros. Também aqui, quanta luz espiritual não levam a estas almas sedentas de vida espiritual!... Foi constituída aqui uma boa escola de bordados e de pintura, de corte e costura, e fundado um jardim de infância. Com a educação religiosa é dada, simultaneamente, educação cívica e intelectual. Sente-se aqui o reino da ordem, da disciplina e da paz.

Quantas vocações não saíram destas famílias que vivem sua vida com um sentido cristão! Demonstra-o o numeroso grupo de "apostolazinhas" recrutadas pelas Irmãs durante êste breve período.

Atualmente a Congregação conta, no Brasil, com 4 Casas, 16 religiosas professoras (sendo três brasileiras), 3 postulantes, 14 juvenistas e 4 noviças.

Concluindo esta rápida resenha, enquanto de um lado salientamos as admiráveis empresas que o zélo apostólico sabe realizar, de outro constatamos o muito que ainda resta a fazer, para que estas extensas regiões da América do Sul, tão ricas de forças latentes, floresçam e se desenvolvam no seio da verdadeira civilização, a cristã.

Muito poderão contribuir para esta finalidade nossa ação e nossa oração para que se multipliquem os operários da seara do Senhor, para que espalhem Sua doutrina bendita e O façam conhecer e amar por todos.

I CONGRESSO INTERNACIONAL DA PONTIFÍCIA OBRA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS

TEMA GERAL

"A VOCAÇÃO AOS ESTADOS DE PERFEIÇÃO NO MUNDO DE HOJE"
Roma, 10—16 de dezembro de 1961

RELAÇÕES :

1. *"Vocação Cristã, Vocação à perfeição"*. R. P. Bernard Häring, C.SsR.
2. *"Os Estados de Perfeição na Igreja de hoje"*. R. P. Anastasio Gutierrez, C.M.F.
3. *"Teologia da Vocação Religiosa"*. R. P. Anastasio del SSmo. Rosário, O.C.D.
4. *"Vocação Sacerdotal, Vocação Religiosa"*. R. P. René Carpentier, S.J.
5. *"Vocações de Irmãos"*. R. P. J. Félix Bonduelle, O.P.
6. *"Critérios psicológicos de discernimento e de seleção das Vocações Religiosas"*. R. P. Vittorino Marcozzi, S.J.
7. *"Pastoral geral e Vocações Religiosas"*. Abade Raymond Izard.
8. *"Recrutamento e Recrutadores de Vocações Religiosas"*. R. P. Godfrey Poage, C.P.
9. *"Cultura das Vocações Religiosas nas Casas de Formação"*. R. P. Paulo Dezza, S.J.
10. *"A Estatística ao serviço das Vocações Religiosas"*. Revmo. Dom Aldo Leoni.
11. *"Tarefa da Pontifícia Obra das Vocações Religiosas"*. R. P. Germain Liévin, C.SsR.

CARREFOURS, OU SEJA, TROCA DE IDÉIAS :

- 1-2-3-4. "Tour d'Horizon" pelos diversos Países representados no Congresso.
5. Sobre o argumento da Relação *"Vocações de Irmãos"*.
6. Sobre o argumento da Relação *"Critérios psicológicos"*.
7. Vocações Religiosas nos diversos ambientes sociais:
 - a) No ambiente familiar;
 - b) No ambiente escolar.
8. Vocações Religiosas e:
 - a) o Clero;
 - b) os Leigos da Ação Católica.
9. Vocações Religiosas e:
 - a) Seminários;
 - b) Escolas Apostólicas (Juvenatos, Educandários, etc.).
- 10-11. Elaboração das Conclusões e Votos do Congresso.

Durante o Congresso e nos locais do mesmo funcionará uma Exposição Internacional sobre as vocações religiosas masculinas, com dados estatísticos, publicações, atividades vocacionais etc.

EXEMPLOS, FATOS, SUGESTÕES

Com o título acima iniciamos, em novembro do ano passado (Revista da CRB, VI (1960), 687-690), uma nova rubrica, na esperança de que a mesma se tornasse quase que *a voz dos leitores*. Os religiosos foram até convidados a que comunicassem as próprias experiências pastorais ou apostólicas (experiências da cura de almas ordinária e extraordinária, particularmente de apostolado familiar, colegial, educacional, hospitalar, assistencial, vocacional, de apostolado junto a grupos ou "comunidade" de habitação (favela, bairro, rua, prédio de apartamentos), de trabalho (fábrica, escritório, oficina), de profissão (domésticas, operários, profissões liberais), de diversões (clubes da juventude), etc.). Se a aceitação da nova secção foi bastante grande, como o demonstraram várias cartas, não do mesmo modo foi prestada a colaboração, pois só muito poucas foram as comunicações recebidas até agora. Esperamos contudo que muitos se animem a enviar algo sobre as próprias experiências pastorais, face aos inúmeros pedidos de párocos do interior brasileiro que, preocupados com os inúmeros problemas que afligem a totalidade das paróquias (falta de clero, de catequistas, de colaboradores leigos preparados) pedem sugestões de seus colegas que tenham mais experiência no apostolado moderno.

A REDAÇÃO

RECRUTAMENTO DE VOCAÇÕES PELA C.E.I.

Lí com muita atenção o artigo sobre a "Organização Gonzaga" (fev. 1961). Gostei muito do trabalho de recrutador.

Trago agora aqui fatos a respeito, para que possam servir de sugestão aos caros colegas.

Desde alguns anos sou vigário duma paróquia do interior de Santa Catarina. A paróquia, por muitos anos, deu pouquíssimas vocações e, de minha parte, desde o comêço, não podia compreender como uma paróquia tão grande, de 20.000 almas, não daria também algumas vocações.

Em primeiro lugar fiz a mim mesmo a pergunta: Como os inimigos da Igreja conseguem implantar suas doutrinas? Como ditadores passados e atuais conseguiram em tão pouco tempo mudar os pensamentos duma juventude em sua quase totalidade?

De certo conquistando e trabalhando com os jovens.

Foi êste, portanto, meu primeiro trabalho. Intensifiquei o catecismo da Primeira Comunhão. Fiquei mantendo sempre contato com as crianças,

brincando com elas, etc., sem todavia perder a linha e sem carinho mórbido, do que, aliás, elas não gostam.

O segundo passo foi a obrigatoriedade da assistência à Santa Missa aos domingos e dias santos, durante o ano escolar como também durante as férias, com a participação ativa das crianças nos cânticos e orações.

Em terceiro lugar intensifiquei os sermões sobre o valor da vocação e a devoção à Santíssima Eucaristia. Instituí a adoração do SS. Sacramento no primeiro domingo de cada mês, com a participação de todos os paroquianos. Intenção especial desta adoração: as vocações sacerdotais e religiosas.

Tôdas as crianças da primeira comunhão recebem instrução catequética três vezes por semana, durante o ano inteiro, na igreja matriz. Entre estes meninos escolhem-se os melhores para o serviço do altar, os chamados coroinhas, dando-se-lhes duas reuniões semanais. As outras crianças faz-se o convite de entrarem na C.E.I.

Estes são os verdadeiros núcleos onde o sacerdote reúne as crianças mais fervorosas. A elas, coroinhas e cruzadinhos, dá-se um tratamento especial. Nesses dois núcleos fala-se de vez em quando da vocação, são convidados para uma mais intensa vida eucarística, etc.

O ponto culminante consiste agora em observar os meninos em sua piedade, inteligência, saúde, e suas famílias: se os pais são bons católicos, com numerosos filhos, sem problemas de limitação de prole. E' perder tempo com famílias de poucos filhos, onde não há raiz e nem a bênção de Deus. Família numerosa nunca é rica, mas tem a graça de Deus, e, se faltar dinheiro, fundam-se bolsas, pois nosso povo é generoso.

O último ponto que ainda não consegui executar por falta de elemento tempo seria o seguinte: um sacerdote daria aulas particulares durante o ano aos que demonstram alguma inclinação para a vida sacerdotal ou religiosa; reuni-los numa dependência da paróquia, com repetição das matérias do 4.º ano primário, para uma observação mais próxima. Seria este um ano de seleção antes de enviá-los para os seminários (digo seminários, porque entendo dar absoluta liberdade na escolha da congregação religiosa ou do seminário diocesano).

E o trabalho dos recrutadores? Seria fácilimo se viessem algumas vezes por ano pregar nas matrizes e capelas sobre a beleza da vocação, a falta de clero, etc.

O resultado se não deixou esperar. Para o presente ano são quase 600 crianças matriculadas para a primeira comunhão; mais de 50 coroinhas; a C.E.I. conta com quase 200 crianças. A missa dominical? A missa das crianças é a das 9 horas, só para elas, com a assistência de 1.500 a 2.000 crianças. E' um espetáculo lindo, que faz esquecer as dificuldades e trabalhos.

E as vocações sacerdotais? Nestes últimos três anos 12 coroinhas foram para os seminários, dos quais 10 ainda continuam.

Pe. Henrique Ziche S.C.J.

REVISTA DE EXPERIÊNCIAS PASTORAIS ?

No último número de "Le Christ au Monde", revista internacional de experiências de apostolado, um certo Padre Jorge Montemani sugere a publicação da mesma em língua portuguesa (existem já edições em francês, inglês, espanhol e italiano).

Gostaria saber se existe já no Brasil alguma revista consagrada à Pastoral. A REB e a Revista da CRB publicam diversos artigos sobre o assunto; mas, existe algo especializado no assunto, para ajudar os padres do interior a fazer apostolado em nosso meio, ou cada um deve descobrir por si todas as regras desta grande tarefa?

Sei que existe o Instituto de Pastoral mas, esse é para os novos padres que ainda não têm experiência prática para julgar e apreciar o ensino ministrado. E os anciãos, que já lutam na ignorância dos progressos atuais da sociologia religiosa e da pastoral?... Existe alguma coisa para eles ou tudo ainda é para criar? Podemos esperar "O Cristo ao Mundo" em breve?

Pe. Reinaldo Baril (Alcântara) MA

Devemos confessar que não conhecemos revista especializada de pastoral que possa auxiliar os Padres do interior em seu apostolado de meio. Além da REB e da Revista da CRB algo a respeito poderá ser encontrada também na "Carta aos Padres", publicada em São Paulo (Rua Vergueiro, 165). Nada mais poderemos indicar.

Uma lista de revistas sobre pastoral, cuja assinatura poderá ser feita junto ao Centro Nacional Catequético, foi publicada no número anterior desta Revista. Realmente os estudos e as experiências nelas apresentadas não se adaptam ao nosso ambiente brasileiro, sobretudo do interior; de qualquer modo poderão servir para sugestões.

A edição portuguesa da revista internacional "Le Christ au Monde" viria em parte resolver o problema, principalmente para párocos de grandes cidades; para vigários do interior seria de precioso auxílio, na certeza que novas sugestões iriam aparecer com sua publicação. Nada por enquanto temos de positivo; fazemos votos, entretanto, que quanto antes possamos também contar com essa edição portuguesa.

Ocasão propícia seriam os cursos de pastoral organizados nos moldes daquele realizado pela CRB em janeiro de 1959. Esperamos seja quanto antes realizado idêntico curso, em vista especialmente das necessidades e dos pedidos de muitos sacerdotes do interiorland brasileiro.

No próximo número da Revista publicaremos um artigo sobre um "Centro pastoral de informações". Trata-se, evidentemente, de uma sugestão; mas, se levada à realidade, virá satisfazer aos desejos e pedidos do Pe. Bariel e de todos os que esperam quem os possa orientar num apostolado que se adapte à realidade moderna.

ESCOLA DE PROPAGANDISTAS REGIONAIS DE CATEQUESE

Por iniciativa da Conferência Nacional do Episcopado Brasileiro teve início este ano uma Escola de Propagandistas Regionais de Catequese que funciona na Faculdade Santa Úrsula, nesta cidade do Rio de Janeiro. Não houve realização mais acertada que a da abertura desta Escola onde se acham reunidos elementos vindos de todos os pontos deste imenso Brasil com o único objetivo de incrementar a obra da Catequese tão necessária para revigorar a fé cristã que clanguesce mais e mais de norte a sul, de leste a oeste.

Há atualmente na Escola de Propagandistas Regionais de Catequese jovens vindas do Maranhão, do Pará, do Ceará, do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo, do Amazonas, da Bahia, de Minas Gerais e do Estado do Rio, ao todo 13 pessoas entre religiosas e leigas: 9 Bolsistas e 4 por conta própria. É apenas um pequeno número para atender às necessidades vitais da Catequese no Brasil. Mas confiantes nas palavras do Divino Mestre: "Não temais, ó pequenino rebanho, porque foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Seu Reino" (Lc 12, 32-34), elas procuram prover-se daqueles conhecimentos necessários para enfrentar a obra da catequese a ser propagada no Brasil através das escolas e igrejas, da imprensa e do rádio.

É sobre esse ideal que se baseia o Curso inteirinho. As alunas estão se formando uma consciência mais extensa e profunda da instrução catequética, orientadora da vida e moralizadora dos costumes. Esta instrução catequética é ministrada sobre todos os aspectos: Bíblia, Cristologia, Pastoral, Liturgia, História da Igreja, Catequese Dogmática e Metodologia Catequética. De outro lado, estuda-se ainda a Catequese radiofônica e a Catequese Escolar, Familiar e Paroquial com estágios práticos, na visão da C.D.C.

Justamente, a Catequese vai assim encontrando campo aberto para se alastrar nas almas das catequistas, ao passo que se forma em seu espírito a necessidade do aproveitamento de todas as formas e meios de apostolado para difusão do ensino do catecismo como também do seu próprio preparo pedagógico, moral e religioso, em prol do bom êxito de uma causa tão nobre e insuperável.

De modo especial o Curso de Propagandistas Regionais de Catequese visa dar a cada uma, o preparo suficiente para lhes ser possível atingir o meio rural, o meio estudantil e o meio independente. Firma-se aqui, sobretudo, a necessidade da união de todas as forças católicas indispensável em qualquer parte do mundo, mas de modo especial num país de clero rarefeito como o nosso.

Portanto, começam as próprias catequistas por formarem "Cor unum et anima una"; esclarecendo-se mutuamente sobre os aspectos das várias regiões do Brasil de onde vieram, resolvendo juntas problemas regionais, enriquecendo-se mutuamente de experiências e de conhecimentos sobre questões que divergem de uma latitude à outra desta nossa Pátria tão grande e tão cheia de contrastes naturais e humanos.

Percebe-se assim, a grandeza desta possibilidade de reunir aquelas que irão combater neste cenário com as armas da verdade em prol da Verdade. Antes de tudo elas estudarão, dogma, moral, liturgia, mas a eficácia de seu trabalho não residirá só nisso. Dependerá muito de sua própria fé e união, pois só ao inimigo servirá a desunião. Este crescimento de fé e esta união no exercício do apostolado catequético é possibilitada pelo curso, quer dizer, por suas matérias e por este contacto de almas e corações que têm um só ideal. Naturalmente, que de um certo modo a esta reunião de catequistas se referem as palavras de Jesus: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles".

São apenas um "pequeno rebanho" que muito se alegra de poder começar uma obra tão prometedora e de tanto alcance espiritual e social. Não temem, pelo contrário, alegres e confiantes desdobram ante seus próprios olhos o panorama das necessidades materiais e espirituais das almas que devem ganhar hoje para Cristo, numa Escola onde impera a fraternidade e aquele espírito sobrenatural que as prepara para suportar sem fraqueza o peso de responsabilidades mais graves.

O melhor da energia do Curso está nos responsáveis pelo mesmo, nos seus professores tão dedicados e de modo especial na pessoa da orientadora Madre Teresa de Cristo, O.S.U., que se esvai em cuidados para atender a tudo o que traga melhoria de iniciativa, a fim de que não se fixe a rotina, impossibilitando experiências novas e novas idéias.

O Escola de Propagandistas Regionais de Catequese começou com um pequeno número, mas começou bem, pois começou com Cristo na pessoa dos Bispos e prosseguirá com Cristo e vencerá com Cristo.

"Não temais, ó pequenino rebanho!"

Irmã Evelina Cssp

CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS

DA SECÇÃO ESTADUAL DE SANTA CATARINA

Visita à Secção Estadual

Surpreendeu-nos com sua inesperada visita o Revmo. Irmão João de Deus. No mesmo dia de sua chegada, 8 de maio, fez sua Revcia. a primeira palestra, dirigindo-se à juventude da Congregação das Irmãs da Divina Providência, única que mantém Casa de Formação nesta Capital. Assistiram à palestra mais de uma centena de noviças, postulantes e juvenistas.

No dia imediato coube aos Religiosos o prazer de ouvir o Revmo. Sub-Secretário Geral, após a reunião da diretoria, na qual nos transmitira honrosas saudações e votos do Revmo. Pe. Tiago G. Cloin. À noite dirigiu-se, ainda, às Associações de Pais e Mestres, cujas diretorias tiveram, ao final, oportunidade de cumprimentar o notável e entusiasta incentivador dessas Associações que, realmente, se ativas, muito contribuirão para salvar por meio das escolas

confessionais, particulares, nossas famílias e nossa juventude da agressão comunista, socialista e anticlerical.

Semana Bíblica em Florianópolis

Exatamente no quinto aniversário da instalação da CRB-SC, 4 de maio, aprouve ao Sagrado Coração recebêssemos o temário geral, seguro comprovante de que vai realizar-se nossa almejada Semana Bíblica, de 17 a 23 de julho vindouro, em Florianópolis, sob a orientação do ilustre beneditino Dom Estêvão Bettencourt, nome que dispensa referência especial, conhecido que é em todo o país.

O temário geral, aliás possível de modificação, por sugestões que aguardamos, das Religiosas, é o seguinte: *Noção de Inspiração Bíblica; Noção de Cânon ou Catálogo da Sagrada Escritura; Os sentidos da Sagrada Escritura; Exegese do Gênesis 1-11; Os pontos obscuros do Antigo Testamento; Introdução Geral ao Novo Testamento*. A sede das reuniões será o Colégio Coração de Jesus, onde poderão hospedar-se as semanistas.

Queira Deus abençoar o certame, cuja finalidade é despertar ou avivar o conhecimento e o amor dos Livros Santos, o mais seguro manancial de doutrina teológica e verdadeira piedade.

Terceira semana de Estudos de Enfermagem

Durante a Semana Mundial de Enfermagem, em maio do ano em curso, a CRB-SC promoveu a Terceira Semana de Estudos de Enfermagem.

Havendo Sua Excia. Revma. o Sr. Dom Joaquim Domingues de Oliveira declarado desejar, desde muito, dirigir-se às Religiosas Enfermeiras, foi-lhe feito convite imediato para abrir a citada Semana. Orador de raros dotes e dono de vasta e profunda cultura, brindou o Sr. Arcebispo Metropolitano a compacta assistência, no Salão de Atos de nossa Sede, com primorosa alocução, aliando à página bíblica do Samaritano os deveres da Enfermeira modelar.

As aulas-conferências foram ministradas no Auditório da Maternidade Carmela Dutra, o melhor ambiente nesta cidade para reuniões de Religiosas Enfermeiras.

Seguem os temas que constaram do programa, desenvolvidos por especialistas:

- Dr. Henrique Prisco Paraíso: *Posição da Enfermeira em face do operado;*
- Dr. Holdemar de Menezes: *Vantagens da boa Organização Hospitalar;*
- Dr. Luís Carlos Costa Gayotto: *Importância dos conhecimentos de Dietética — e — Terapêutica em Enfermagem;*
- Dr. Biase Agnesino Faraco: *O sigilo profissional da Enfermeira;*
- Dr. Evaldo Ramos Schaeffer: *Radiologia e Enfermagem;*
- Dr. Léo Xavier: *Infecções.*

À Enfermeira de alto padrão, Dona Úrsula Engel, coube o tema: *Funções e Atividades de Saúde Pública;* à Irmã Alicia, estudiosa dos problemas sociais: *O Serviço Social e o Serviço de Enfermagem.*

Encerrou a Série de palestras, discorrendo sobre "*Educação Familiar*", o presidente desta Secção Estadual, Revmo. Pe. Antônio Loebmann S.J. No Salão de atos do Colégio Catarinense, de que Sua Revma. é digno Diretor, houve na penúltima noite, projeção de filmes sobre enfermagem, gentileza do Instituto Brasil-Estados Unidos.

O Auditório da Maternidade Carmela Dutra esteve repleto em todas as reuniões. A Semana atraiu Médicos, além do conferencista do momento, Enfermeiras religiosas de diversas Congregações, sediadas ou não na Capital, e leigas, entre umas e outras distinta representação do Corpo docente e discente da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Blumenau e, ainda, pessoas estranhas à enfermagem, mas interessadas em assistir às bem elaboradas palestras que se sucediam. Para comprovar-lhes o valor basta referir que pediram, com insistência ao Presidente desta Secção se organize três vezes ao ano tais Semanas de Enfermagem, para que, revezando-se, possam participar delas todas as Religiosas enfermeiras do Estado.

No dia 19, ao entardecer, encerrou-se o nosso conclave.

E, logo, à noite, reencontraram-se as Enfermeiras no Teatro Álvaro de Carvalho, onde se realizou a entrega dos certificados a dezoito alunas da terceira turma da Escola de Auxiliares de Enfermagem "*Madre Benvenuta*". Proferiu, na solenidade, notável discurso gratulatório o ilustre paraninfo Exmo. Sr. Dr. Antônio Moniz de Aragão, Presidente da Associação Médica Brasileira e da Federação Mundial de Médicos.

BIBLIOGRAFIA

"*PREPARAÇÃO PARA A PRIMEIRA COMUNHÃO*" por Mons. Alvaro Negromonte, Edições Rumo S.A., 1961.

É com satisfação que venho recomendar este livro de Mons. Alvaro Negromonte. Sabemos que no momento o problema da instrução religiosa dos nossos fiéis se concentra em parte na preparação para a Primeira Comunhão: a grande maioria a recebe, mas poucos continuam depois frequentando o catecismo. Desta maneira, a Primeira Comunhão é uma oportunidade preciosa para instruir os fiéis, oportunidade que não podemos desperdiçar. Evidentemente, não basta apenas exigir mais tempo para preparação, pois a criança precisa não apenas de instrução religiosa, mas também de ambiente cristão na família, na escola e na sociedade. Por isso, além da segunda parte do livro que se destina às catequistas e professoras, na primeira

parte o autor apresenta considerações pastorais que se destinam a todos os que se interessam pelo problema da catequese e da vida sacramental dos fiéis: padres, religiosos, religiosas, leigos, e, entre estes, sobretudo os pais. Com todo o empenho recomendo a leitura e o estudo dessas considerações.

Se posso fazer uma observação, eu proporia que numa segunda edição o autor dissesse mais algumas palavras sobre o problema da paróquia. O livro acentua bastante que a criança precisa de um ambiente cristão no lar, mas da mesma maneira a família precisa de um ambiente acolhedor e amigo na paróquia para manter-se fiel à Igreja e ao espírito de Cristo. Além disso, também o catecismo precisa do apoio da pa-

róquia. Geralmente apenas o vigário e um pequeno número de fiéis se preocupam com a catequese e a maior parte deles fica alheia a esse movimento. Por isso seria bom acentuar que o catecismo consegue resolver bem seus problemas somente à medida que a paróquia toda passa a

Mons. Guerry, **DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA**. Livraria Sampedro de Lisboa e Edit. Herder de São Paulo, 1960. 228 pp.

A boa tradução de dois anônimos (M.C. e P.S.) é oferecida ao público de língua portuguesa em oportuna apresentação tipográfica.

Esta pastoral do Arcebispo de Cambrai é uma síntese magnífica da D. S. I., procedida de uma insistente e convincente demonstração da importância da mesma, bem como da sua necessidade e obrigatoriedade para todos os católicos. Precede-a ainda a solução de algumas objeções, a qual demonstra com argumentos de direito e de fato a oportunidade da mesma D.S.I. também para os não católicos e mesmo não cristãos, mas que admitam ao menos os princípios fundamentais do direito natural ou da mais elementar solidariedade humana.

A D.S.I. apresentada na 1.^a parte no seu pressuposto fundamental, isto é, na *concepção do homem* (dignidade da pessoa humana, igualdade fundamental dos homens, direitos inalienáveis do homem sujeito de direito e não objeto). Evidencia-se assim o seu caráter de *intenso humanismo*, de *realismo bastante dinâmico*, que busca tomar a *defesa do homem* e reivindicar a *libertação da pessoa humana*, primando pela *atualidade*, no afã de "restituir a paz", devolvendo ao homem o seu lugar no mundo.

Na 2.^a parte é a D.S.I. apresentada na *concepção da economia social*, como corolário da mesma concepção do homem, que dentro da sociedade não pode perder a sua personalidade reduzindo-se a mera função da mesma, antes permanece sempre sua última razão de ser. É

interessar-se por ele. E isto supõe que a paróquia seja uma "comunidade em Cristo", uma comunidade litúrgica e apostólica, baseada no amor.

Desejamos a este livro tão precioso a maior divulgação possível.

Pe. Leão Douven C.S.R.

assim uma economia: *humana*, do *bem comum*, *orgânica*, *dinâmica* (sendo seus princípios vitais a justiça e a caridade sociais) e mesmo, resumindo-se tudo, uma economia *sujeita à lei moral*.

A D.S.I. no belo esquema de D. Emile Guerry completar-se-ia na *concepção da sociedade humana*, tendo em vista de modo singular os problemas de ordem internacional. Essa terceira parte é deixada para uma obra posterior.

Dissemos acima e aqui queremos de novo sublinhar nossa afirmação de que a pastoral de D. Guerry é uma *síntese magnífica* de praticamente todos os problemas sociais com a solução oportuna da Igreja no seu magistério oficial. Acrescenta-se que é dotada de clareza e mesmo acessibilidade excepcionais, que a fazem obra recomendável às mais diversas categorias de pessoas mesmo de cultura média, podendo ainda ser indigitada como excelente texto para certos cursos em que se estudem os problemas relativos, além de satisfazer plenamente ao fim precipuo que se propôs o autor, escrevendo-a de modo particular para o clero e os leigos militantes.

Consegue, pois, D. Emile Guerry (como bem o disse S.S. Pio XII através da Secretaria de Estado — pág. 2) o fim primordial de seu trabalho, a saber, tornar possível um despertar de consciências e responsabilidades para a premente necessidade de resolver os grandes problemas sociais da nossa época.

Pe. João Corso, S.D.B.

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 28 de junho dt 1961

Pe. Frel Jacinto de Palazzolo OFM Cap.

Censor Eclesiástico.